

CARTILHA

**123
MEDUFF**



MEDICINA

2023.1

Agradecimento

A turma 123, com muito carinho, se esforçou na preparação dessa cartilha e esperamos que o principal propósito dela ter sido feita, o de auxiliá-los nessa importante etapa de escolha, seja cumprido. Estamos ansiosos para tê-los aqui conosco em breve, afinal, é bom demais ser um baby lion!

Então, aqui vai um agradecimento mais que especial para todos os integrantes da turma 123 que, de alguma forma, auxiliaram na confecção dessa cartilha: muito obrigado!

Com amor, turma 123



Sumário

1. Introdução.....	4
2. História da medUFF.....	5
3. Sobre a faculdade.....	10
4. Sobre Niterói.....	11
5. Ligas Acadêmicas.....	12
6. Diretório Acadêmico.....	14
7. Socioesportiva.....	15
8. Redações.....	17
9. Depoimentos.....	58
10. Carta à comunidade LGBTQIAPN+.....	67
11. Ingresso na UFF.....	68
12. Notas da 123.....	69
13. Dados da 123.....	71
14. Grade horária.....	74
15. Assistência estudantil.....	76
16. Palavra do DesempenhosMed.....	77
17. Desenvolvedores da cartilha.....	78



1. Introdução

Sejam bem vindes, futuros baby lions!

É com muita alegria que nós, da turma 123, realizamos essa cartilha para ajudar vocês com todas as informações da MedUFF, afinal, sabemos o quão difícil é esse processo de decisão. Por meio dela, apresentaremos a história da universidade, o desempenho dos integrantes da turma, as experiências proporcionadas pela UFF, o perfil de cada um de nós e um pouco sobre a cidade de Niterói.

É essencial compreender que esse documento é extraoficial, uma iniciativa dos alunos e sem qualquer vínculo com a universidade! Preparamos esse material com o objetivo de apoiar e orientar vocês nessa etapa final, na esperança de que, em breve, vocês se juntem a nós! Ademais, todo o material exposto nesse documento é relativo aos alunos da nossa turma, então não se esqueça de adaptar os dados e as informações a sua própria história.

Esperamos que vocês mergulhem nesse universo que é a Universidade Federal Fluminense e que, assim como nós, se apaixonem por cada detalhe desse lugar incrível. Desejamos muita coragem e persistência, e que não desistam de lutar por esse sonho: a maior do Rio espera por vocês! Estaremos aguardando ansiosamente para recebermos nossos baby lions.

Boa sorte!



2. História da medUFF

História da UFF

Inicialmente, a Universidade Federal Fluminense foi criada com o nome de Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFERJ), em 1960. Nela foram incorporadas as cinco faculdades federais já existentes em Niterói - Faculdade de Direito de Niterói, Faculdade Fluminense de Medicina, Faculdade de Farmácia e Odontologia, Escola de Odontologia e Escola Fluminense de Medicina Veterinária -, as de ensino estaduais - Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro, Escola Fluminense de Engenharia e Escola de Serviço Social do Estado do Rio de Janeiro - e as particulares - Faculdade Fluminense de Filosofia e Faculdade de Ciências Econômicas de Niterói. No ano de 1964, o Hospital Municipal Antônio Pedro foi incorporado à universidade visando o desenvolvimento da área da saúde em pesquisa e ensino, tornando-se Hospital Universitário Antônio Pedro. Em 1965, a então Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro passou a ser Universidade Federal Fluminense.



Edifício da Rua Visconde de Morais, 101

Instituto Biomédico

2. História da medUFF

Em 1921, um grupo de médicos niteroienses – entre eles Antônio Pedro – se juntou com a iniciativa de criar um curso de medicina em Niterói, assim, começaram a organizar a Faculdade Fluminense de Medicina, oficialmente fundada em 1925. Depois de alguns anos, a falta de uma estrutura física própria passou a se tornar um problema. Então a prefeitura cedeu o Instituto de Anatomia e permitiu a utilização do então Hospital São João Batista e de sua maternidade anexa, atual prédio da Física Velha, no campus valonguinho.



Em 1929, a faculdade foi estadualizada, mas com a revolução de outubro de 1930, houve mudanças na direção. O antigo diretor, Antônio Pedro, faleceu em um acidente de carro e seu cargo foi assumido por Manoel Ferreira. Sob novas circunstâncias políticas, por decisão do interventor do estado do Rio, a Faculdade Fluminense de Medicina passou a cobrar mensalidades dos alunos. Em 1931, o mesmo interventor forneceu à instituição um prédio na Rua Visconde de Moraes, que atualmente é o Instituto Biomédico.

Após a formatura da primeira turma, a faculdade enfrentou grandes dificuldades financeiras. Manoel Ferreira solicitou que os professores abrissem mão de seus salários, e assim, durante 2 anos eles não receberam para dar aulas. Durante esse período, com o apoio do comércio de Niterói, o diretor conseguiu construir laboratórios e anfiteatros no prédio do Instituto de Anatomia, e ambulatórios no prédio da Rua Visconde.

2. História da medUFF

O Hospital: O Hospital Universitário Antônio Pedro nem sempre foi parte do dia a dia dos alunos da Faculdade Fluminense de Medicina. Antes disso, era um hospital municipal que teve sua construção iniciada na década de 40 e seu nome foi dado em homenagem a um dos fundadores da Faculdade de Medicina. Com a necessidade de um Hospital que auxiliasse no aprendizado dos alunos, uma cooperação foi estabelecida. Posteriormente, estudantes de enfermagem e serviço social também passaram a frequentar o ambiente hospitalar. Entretanto, com a instabilidade financeira da época e o aumento da inflação, o hospital acabou tendo suas atividades interrompidas. Contudo, em 17 de novembro de 1961, o Hospital foi aberto às pressas pelos alunos e professores por causa do grande incêndio do “Gran Circus Norte Americano” que resultou em vários feridos e cerca de 400 mortos, em sua maioria crianças. Diversos profissionais da saúde foram convocados para o Hospital Municipal Antônio Pedro com a finalidade de tratar os feridos e mobilizar material e equipamentos. Após o incêndio, os professores e alunos lutaram para que a prefeitura cedesse o hospital para a mais recente Universidade em Niterói, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, que posteriormente se tornou Universidade Federal Fluminense.



2. História da medUFF

O Antônio Pedro é a nossa segunda casa, caminhar pelos corredores sabendo de toda a história e luta daquele lugar é uma experiência incrível. O carinho e cuidado dos profissionais com os pacientes demonstra que a medicina pode sim ser empática e humanizada. Durante o primeiro período, frequentamos o hospital de uma a três vezes na semana (a depender da localização das matérias que dividem a turma em mais grupos). Atualmente, o HUAP é o coração do ciclo clínico e do internato, mas com a inauguração do novo prédio da medicina, a expectativa é de que as salas de aula sejam substituídas por ambulatorios e leitos, e que o hospital seja utilizado para aulas práticas e durante o internato.



Med UFF de casa nova!



Entrada principal HUAP



Projeto "Boa Noite, Bom dia"



Laboratório 3D



Corredores do HUAP



Prédio da FAMED

2. História da medUFF

Nós temos muito orgulho do nosso Hospital Universitário Antônio Pedro e de toda a história de luta que ele carrega!



3. Sobre a faculdade

Como a UFF está presente em todos os lugares de Niterói, ela possui vários campi e unidades isoladas. Para o nosso curso, existem três lugares que são mais frequentados. Primeiramente, o Campus do Gragoatá, que possui uma paisagem linda e cursos de diversas áreas, onde vale muito a pena passar um tempinho aproveitando a brisa do mar e tomando um cafezinho nas lanchonetes. Passando pela Cantareira e indo na direção do Shopping Plaza, encontramos o Campus do Valonguinho. Além de Medicina, esse campus possui também outros cursos como Odontologia, Química, Nutrição, Administração, Ciências Contábeis, Informática e Matemática. Nele também encontramos o Departamento de Morfologia e o Instituto Biomédico, ambos são muito frequentados durante o Ciclo Básico do nosso curso. Por último, temos o Hospital Universitário Antônio Pedro, o qual é o lar da Faculdade de Medicina e o Diretório Acadêmico Barros Terra, os quais vamos falar especialmente deles mais adiante na cartilha.



Gragoatá



Valonguinho



Instituto biomédico



Hospital Universitário

4. Sobre Niterói

Já ouviu falar de Niterói?

A conhecida “cidade sorriso” abriga os campi da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense. No primeiro período, o baby lion vai passar seus dias em vários campi localizados em diferentes bairros, podendo conhecer bastante de Niterói:

Gragoatá: localizado no bairro São Domingos, é onde o calouro vai passar a maior parte do seu tempo, seja nas aulas teóricas ou práticas, em laboratórios, estudando na lindíssima Biblioteca Central do Gragoatá, vendo o pôr do sol no gramado com vista para a Baía de Guanabara e o Rio de Janeiro, comendo no bandejão mais barato do Brasil (só 0,70 centavos!) ou resenhando com os amigos na Praça da Cantareira.

Valonguinho: no centro de Niterói, o campus não possui bandejão próprio mas é bem pertinho do Gragoatá, sendo possível ir andando. É bem localizado, estando perto do Plaza - principal shopping da cidade -, do terminal rodoviário, da estação das barcas - que te levam pra cidade do Rio de Janeiro rapidinho, além de vários outros atrativos.



5. Ligas Acadêmicas

As ligas acadêmicas são projetos sem fins lucrativos constituídos por estudantes e orientados por um ou mais professores que se propõem a vivenciar oportunidades de ensino, pesquisa e extensão universitária relacionadas a uma área de conhecimento. Estas ligas realizam palestras com profissionais especializados na área, rodas de conversas acerca de assuntos pertinentes à temática, atividades práticas, publicações de artigos científicos e projetos de extensão que contemplem a comunidade.

Então, se você, futuro calouro, já tiver uma área dos sonhos e quiser conhecer mais sobre ela ou tem interesse em conhecer sobre áreas que nunca nem pensou sobre, as ligas acadêmicas vão ser perfeitas para você!

Lista de ligas:

LIGG - Liga de Geriatria e Gerontologia | Contato: @ligguff

LiAGO - Liga de Ginecologia e Obstetrícia | Contato: @liago_uff LiAMEE

LiAMEE - Liga de Medicina do Esporte e do Exercício | Contato: @liameeuff

LiHEm - Liga de Histologia e Embriologia | Contato: @lihem_uff

LiPatAN - Liga de Patologia Clínica e Anatomia Patológica | Contato: @lipatanuff

LiTI - Liga Acadêmica de Telemedicina e Inovação | Contato: @liti.uff

LiPe- Liga de Pediatria | Contato: @lipeuff

NEPur - Nucleo de Ensino e Pesquisa em Urgência | Contato: @nepur.uff

LiMePa - Liga de Medicina Paliativa | Contato: @limepa.uff

LiPsi - Liga Acadêmica Multiprofissional de Saúde Mental e Psiquiatria | Contato: @lipsi.uff

LiFE - Liga de Finanças e Empreendedorismo na Medicina | Contato: @life.uffmed
LiNNEC - Liga de Neurologia e Neurociências | Contato : @linnecuff

LAMIn- Liga Acadêmica de Medicina Integrativa | Contato: @lamin.uff
NAHC - Núcleo de Anatomia Humana Comparada | Contato: @nahc.uff

LiTox - Liga de Toxicologia | Contato: @litox.uff

LIASME - Liga Acadêmica de Saúde, Medicina e Espiritualidade | Contato: @liasme.uff

LIAFH - Liga de Fisiologia Humana | Contato: @liafh.uff



5. Ligas Acadêmicas

LiUro - Liga de Urologia | Contato: @liurouff

LAPM - Liga Acadêmica de Procedimentos Médicos | Contato : @lapmuff

LLACCV - Liga Acadêmica de Cirurgia Cardiovascular | Contato: @lacev.uff

LiRa - Liga Acadêmica de Radiologia | Contato : @lirauff

LiCCa - Liga Acadêmica de Cardiologia | Contato: @liccauff

LiOnCC - Liga de Oncologia Clínica e Cirúrgica | Contato: @lionccuff

LiOrT - Liga de Ortopedia e Traumatologia | Contato: @liortuff

LACiP - Liga Acadêmica de Cirurgia Plástica | Contato: @lacip_uff

LAGH - Liga Acadêmica de Gastroenterologia e Hepatologia | Contato:

@lagh_uff LANC - Liga Acadêmica de Neurocirurgia | Contato: @lancuff

LAC - Liga Acadêmica de Clínica Médica | Contato: @lac.uff

LiFaC - Liga de Farmacologia Clínica | Contato: @lifacuff

LiDerm - Liga de Dermatologia | Contato: @lidermuff

LiAD - Liga Acadêmica de Anestesiologia e Dor | Contato: @liaduff

LiTRE - Liga de Trauma, Emergência e Reanimação | Contato: @litreuff

LiAC - Liga Acadêmica de Cirurgia | Contato: @liacuff

LIST - Liga de Infecções Sexualmente Transmissíveis | Contato: @list.uff

LiEndo - Liga de Endocrinologia | Contato: @liendo.uff

LOFT - Liga de Oftalmologia | Contato: @loftmeduff

LiSLGBT - Liga de Saúde LGBT | Contato: @liaslgbtiuff

LiNe - Liga de Nefrologia

LiGen- Liga de Genética | Contato: @ligenuff

LI infecto - Liga de Infectologia | Contato: @linfectouff

LigaMI - Liga de Medicina Intensiva | Contato: @ligamiuff



Workshop de reanimação
cardiopulmonar-LiTRE



Simpósio sobre emergências
gineco-obstétricas- LiAGO



Simpósio sobre febre
reumática - liga de pediatria



6. Diretório Acadêmico

O Diretório Acadêmico Barros Terra (DABT) foi fundado em 1929 pelos acadêmicos da Faculdade Fluminense de Medicina e nomeado em homenagem ao diretor Antônio Barros Terra, quatro anos após sua criação. Ele é responsável por representar todos os estudantes da medicina da UFF e os seus interesses perante a coordenação da Faculdade e a sociedade. Assim, ele preza pela educação pública, gratuita e de qualidade, pelo Sistema Único de Saúde e diversas outras pautas essenciais. O funcionamento do diretório é dividido em 6 coordenadorias, todos os coordenadores são eleitos para o mandato de 1 ano e responsáveis por representar os alunos em reuniões, eventos esportivos e acadêmicos. As coordenadorias são divididas em administração e finanças, cultura e formação científica, divulgação e imprensa, relações estudantis, sócio-esportiva e coordenação geral.

Um pouco da história do nome do nosso Diretório, baseado na vida de Barros Terra. Antônio de Barros Terra foi aluno da Faculdade Fluminense de Medicina em 1878. Antes de se tornar professor atuou como médico em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, também agiu no campo da medicina preventiva – com a vacinação contra a varíola. Barros Terra começou na Faculdade Fluminense de Medicina como professor de Química Orgânica e foi eleito diretor da Faculdade em 1932, foi reeleito diversas vezes até o ano de 1945. A popularização do diretor e seus diversos feitos pela faculdade – como a criação da policlínica da Faculdade de Medicina, agora prédio de Odontologia localizado no Valonguinho – fizeram com que o Diretório Acadêmico consagrasse o seu nome.



7. Socioesportiva

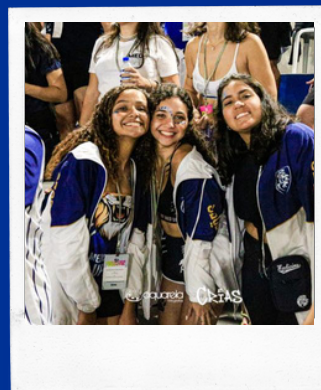
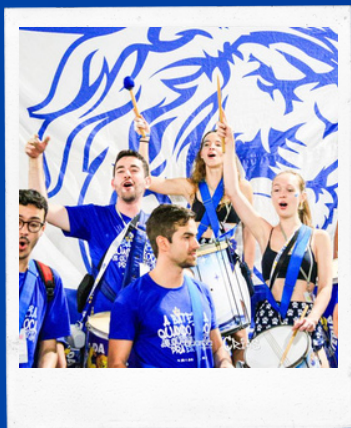
Nesse momento, futuro Baby Lion, vamos conversar um pouco sobre o que move a faculdade e seus alunos, o que integra e une estudantes de medicina dos mais diversos cantos e o que traz grande orgulho a faculdade, por sua atuação SEMPRE exemplar nos jogos.

Os jogos universitários são momentos únicos e de grande união, e se baseiam em torcer até perder a voz, beber até não aguentar mais e, o mais importante, brilhar dentro e fora de quadra (E A MEDUFF MANDA MUITO BEM).

A nossa faculdade de medicina participa de dois principais campeonatos, e são eles o CRIAS (Copa Regional InterAtléticas Socioesportivas) e o mais importante, o INTERMED. Nesses dois campeonatos a MEDUFF dá aula de torcer e de ganhar, sem exceção.

CRIAS

Um campeonato bem recente que participam apenas as faculdades públicas de medicina do Rio de Janeiro (UFF, UERJ, UNIRIO e UFRJ). Foi criado em 2022, esse ano tivemos sua segunda edição e seus veteranos da 123 deram um show nos esportes, bateria e torcida!



INTERMED

Por fim e mais importante, o campeonato que move todos os mediciners do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, o INTERMED. A UFF é TETRA campeã geral do campeonato, todos esses troféus conquistados com muita garra e torcida. Nas duas ultimas edições do campeonato a UFF garantiu o primeiro lugar geral, ou seja, futuro calouro, somos a faculdade mais temida da atualidade!



7. Socioesportiva

Além da nossa soberania dentro de quadra com os últimos INTERMEDs na conta, ainda somos a torcida mais temida, que canta do início ao fim dos jogos e não para nunca. No quesito torcida, somos DECACAMPEÕES de melhor torcida do INTERMED, por 10 vezes o Leão destoou de todos os outros concorrentes e surpreendeu os jurados com o canto e com a bateria. Dentro de quadra somos o terror do adversário, e fora dela somos imbatíveis.



A BATERIA

Obviamente que não poderíamos deixar de apresentar pros nossos futuros calouros o espírito que move as arquibancadas e que é motivo de tantos títulos de melhor torcida, a nossa bateria, os Leões da UFF.

Atualmente a bateria é treinada e coordenada por um profissional excelente (o excelentíssimo mestre churros) , com um histórico no samba. Os treinos são semanais e, historicamente, temos uma das melhores baterias universitárias do Brasil. A termo de comparação, em um dos INTERMEDS fomos a única faculdade a obter nota máxima no quesito bateria, ou seja, junte-se a nos ou assista a nossa festa de longe. Atualmente muitos dos seus veteranos, da 123, estão compondo esse time de peso e estão doidos para receber vocês!

@baterialeoesdauff



8. Redações

• Ampla Concorrência

1 Na primeira fase do Romantismo, os aspectos da malineza brasileira e os povos tradicionais foram intensamente re-
2 exigidos nos livros, criando um sentimento ufanista em relação a características nacionais. Tal quadro de realidade, quan-
3 do comparado à realidade, não foi perpetuado, apresentando preocupantes desvios para a exaltação das comunidades nativas na
4 contemporaneidade. Nesse sentido, a problemática não só deriva da inércia estatal, mas também do descaso social.
5 De início, é importante observar que a inércia governamental é uma das principais barreiras para a revalorização dos po-
6 vos tradicionais. Nessa perspectiva, de acordo com a Constituição Brasileira de 1988 é responsabilidade do Estado garantir a pre-
7 servação e a exaltação das comunidades nativas, incluindo medidas necessárias para a proteção de suas culturas. Entretanto,
8 tal postura é quebrada quando comparado à contemporaneidade, haja vista que a maioria dos povos tradicionais, como indíge-
9 nas e quilombolas, não possui seus direitos ^{estabelecidos} ~~garantidos~~, a exemplo da demarcação de terras, sendo perigosamente abandonado por
10 governo que não oferece o suporte e o auxílio garantidos por lei. Por conseguinte, a postura de momento que o Estado ^{um} ~~é~~ ^é passivo
11 e negligente, as autoridades não responsáveis ^{tanto} ~~por~~ por estabelecer um equívoco de caráter de quebra de direitos constitucionais,
12 quanto por criar um cenário quadro de desvalorização cultural de nação, já que as culturas das comunidades nativas representam
13 o patrimônio de todos os brasileiros. Nesse modo, a postura governamental sugere acentuar ^{a negligência} ~~o~~ presente os povos nativos do país.
14 Além disso, o descaso social é outro desafio que abarba a desvalorização de comunidades ^{nacionais} ~~brasileiras~~. Nesse sentido, segun-
15 do o escritor Nelson Rodrigues, isso ocorre devido ao Complexo Vira-Lata presente entre os indivíduos, em que os bra-
16 sileiros apresentam, em sua maioria, um sentimento de inferioridade perante ^{as} ~~as~~ nações estrangeiras, depreciando, assim, a
17 cultura nacional. Sob tal ótica, grande parte da população assume equivocadamente um papel inerte e indiferente em relação
18 à revalorização das comunidades nativas, uma vez que, devido ao cenário sentimento depreciativo, não é capaz de enxergar que
19 a proteção e a ^{exaltação} ~~valorização~~ dos povos tradicionais é de suma importância para garantir a sobrevivência desses grupos e para a preser-
20 vação do patrimônio cultural de nação. Consequentemente, a visão míope e distorcida da sociedade é responsável por formar um con-
21 to social negligente e ^{indiferente} ~~insensível~~ acerca da própria história, ocasionando o abandono de povos tradicionais e o esquecimento do
22 legado cultural dos povos nativos.
23 Fica claro, portanto, que medidas precisam ser tomadas para solucionar a problemática. Nesse sentido, é preciso que o Estado
24 elabore um projeto de ampliação da revalorização das comunidades tradicionais, por meio do aumento de medidas de proteção a tais grupos,
25 a exemplo da intensificação da demarcação de terras, com o objetivo de reverter a postura inerte e negligente dos ^{governamentais} ~~órgãos~~ ~~governamentais~~
26 para que, dessa forma, os povos nativos tenham seus direitos garantidos. Ademais, a mídia institucional deve criar projetos de exaltação
27 cultural ~~de~~ ^{nacionais} ~~brasileiros~~, por intermédio da produção de campanhas digitais que abordem a importância da preservação dos povos
28 com o intuito de desconstruir o sentimento de inferioridade social, para que, dessa maneira, seja possível reverter o descaso dos
29 indivíduos perante a revalorização ^{dos} ~~dos~~ comunidades nativas. Assim, os princípios de exaltação nacional presentes no Ro-
30 mantismo podem ser relacionados à realidade brasileira.

OS01043_ID_03556609_03_LI_002_D1_KO_ENEM2210401_N02_RJ_001_G023.TXT / S: 0007118

Nota 1000 - ANA ALICE DE SOUZA AZEVEDO



Faculdade de
MEDICINA
Universidade Federal Fluminense

8. Redações

• Redação transcrita

“Na primeira fase do Romantismo, os aspectos da natureza brasileira e os povos tradicionais foram intensamente valorizados nas obras, criando um movimento ufanista em relação a características nacionais. Tal quadro de valorização, quando comparado à realidade, não foi perpetuado, apresentando preocupantes desafios para a exaltação das comunidades nativas na contemporaneidade. Nesse sentido, a problemática não só deriva da inércia estatal, mas também do descaso social.

De início, é importante observar que a inércia governamental é uma das principais barreiras para a valorização dos povos tradicionais. Nessa perspectiva, de acordo com a Constituição Brasileira de 1988 é responsabilidade do Estado garantir a preservação e a exaltação das comunidades nativas, incluindo medidas voltadas para a proteção de suas culturas. Entretanto, tal postulado é quebrado quando comparado à contemporaneidade, haja vista que a maioria dos povos tradicionais, como indígenas e quilombolas, não possui seus direitos estabelecidos, a exemplo da demarcação de terras, sendo perversamente abandonada por um governo que não oferece o suporte e o auxílio garantidos por lei. Por conseguinte, a partir do momento que o Estado é passivo e negligente, as autoridades são responsáveis tanto por estabelecer um equivocado cenário de quebra de direitos constitucionais, quanto por criar um errôneo quadro de desvalorização cultural da nação, já que as culturas das comunidades nativas representam o patrimônio de todos os brasileiros. Desse modo, a postura governamental vigente acentua a negligência perante os povos naturais do país.

8. Redações

• Redação transcrita

“Além disso, o descaso social é outro desafio que alastra a desvalorização de comunidades nacionais. Nesse viés, segundo o escritor Nelson Rodrigues, isso ocorre devido ao Complexo Vira-Lata presente entre os indivíduos, em que os brasileiros apresentam, em sua maneira, um sentimento de inferioridade perante as nações exteriores, depreciando, assim, a cultura nacional. Sob tal ótica, grande parte da população assume equivocadamente um papel inerte e indiferente em relação à valorização das comunidades nativas, uma vez que, devido ao errôneo sentimento depreciativo, não é capaz de enxergar que a proteção e a exaltação dos povos tradicionais é de suma importância para garantir a sobrevivência desses grupos e para a preservação do patrimônio cultural da nação. Consequentemente, a visão míope e deturpada da sociedade é responsável por formar um corpo social negligente e indiferente acerca da própria história, ocasionando o abandono de parcelas tradicionais e o esquecimento do legado cultural dos povos nativos.

Fica claro, portanto, que medidas necessitam ser tomadas para solucionar a problemática. Nesse sentido, é preciso que o Estado elabore um projeto de amplificação da valorização das comunidades tradicionais, por meio do aumento de medidas de proteção a tais grupos, a exemplo da intensificação da demarcação de terras, com o objetivo de reverter a postura inerte dos órgãos governamentais, para que, dessa forma, os povos nativos tenham seus direitos garantidos. Ademais, a mídia institucional deve criar projetos de exaltação cultural, por intermédio da produção de campanhas digitais que abordem a importância da preservação de traços nacionais com o intuito de desconstruir o sentimento de inferioridade social, para que, dessa maneira, seja possível reverter o descaso dos indivíduos perante a valorização das comunidades nativas. Assim, os princípios de exaltação nacional presentes no Romantismo poderão ser relacionados à realidade brasileira.”

8. Redações

• Ampla Concorrência

1 Nas obras literárias pertencentes à Primeira Geração Romântica, nota-se a frequente exaltação de índio – que
2 é caracterizado como um herói nacional. Na atualidade, todavia, tal pensamento é excessivo, uma vez que, lamenta-
3 velmente, há uma mítida desvalorização das comunidades e das povos tradicionais no Brasil, gerando impactos
4 culturais e sociais. Logo, é fulcral analisar como a insensibilidade do governo e o descaso das escolas atuam
5 como os principais desafios inerentes a essa questão.

6 Diante desse cenário, é válido salientar a intrínseca relação entre a omissão governamental e as entraves relacio-
7 nadas à desvalorização dos grupos tradicionais no país. De acordo com a Constituição Federal de 1988, é responsabi-
8 lidade do Estado zelar pelo bem-estar e pela integridade dos cidadãos. Nota-se, contudo, que, na prática, esse dever não
9 é cumprido, haja vista a ausência de políticas públicas direcionadas à eficaz proteção das comunidades tradicio-
10 nais. Observa-se tal situação a partir da ínfima fiscalização das áreas destinadas às aldeias indígenas e aos qui-
11 lombos, que não, cada vez mais, alvos de invasões por grandes empresas exploradoras dos recursos naturais, provo-
12 cando mortes e destruições. Por conseguinte, aumenta-se a fragilização e o apagamento da cultura desses indivíduos.

13 Assim, ratifica-se que a inoperância do governo é um elemento empulso à plena exaltação dos povos tradicionais.

14 Ademais, a postura inerte dos centros de ensino também é um obstáculo ao ato de valorizar as comunidades e
15 os povos tradicionais no país. Sob a ótica de Paulo Freire, as escolas devem promover a educação libertadora,
16 a qual é capaz de formar cidadãos autônomos e detentores de uma visão de mundo ampliada. Grande parte dos colé-
17 gios, entretanto, destaca dois pontos, pois que há uma evidente priorização de metodologias tradicionais, as
18 quais privilegiam conteúdos ^{curriculares} tradicionais em detrimento de abordagens mais práticas, como o ensino da cultura
19 e das tradições das comunidades nativas. Em decorrência desse contexto, formam-se, em muitos casos, estudan-
20 tes desinformados e dotados de perspectivas estereotipadas acerca de ribeirinhos e de quilombolas, por exem-
21 plo. Dessa maneira, enquanto as escolas negligenciam essa questão, os povos tradicionais serão cada vez mais re-
22 gados e desvalorizados.

23 Torna-se evidente, portanto, que fatores governamentais e escolares não devem mais ^{agir} ~~agir~~ como barreiras
24 à valorização de comunidades e de povos tradicionais no Brasil. Para isso, cabe ao Governo Federal – instituição
25 que deve zelar pelas direções dos indivíduos –, por meio de maior disponibilização de verbas, promover a consen-
26 tação e a capacitação de ^{locais} ~~professores~~, com o objetivo de ampliar o monitoramento das comunidades e de coibir in-
27 vasões. Além disso, é papel das escolas, por intermédio de rodas de conversa, envolverem seus alunos acerca da
28 importância da respeito à cultura indígena, por exemplo, com o ~~objetivo~~ a finalidade de formar cidadãos infor-
29 mados e não preconceituosos. Dessaí, gradualmente, tal como na Primeira Geração Romântica, as comuni-
30 dades e povos tradicionais serão exaltados no país.

OS01043_ID_03554001_03_LT_002_DY_KO_ENEM2210401_N02_RU_001_G023.TXT / S: 0009726

enem2022 INEP MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



029

029222101312377509

Nota 1000 - MARIANA ALMEIDA DE OLIVEIRA



uff

Faculdade de
MEDICINA
Universidade Federal Fluminense

8. Redações

• Redação transcrita

“Nas obras literárias pertencentes à primeira geração romântica, nota-se a frequente exaltação do índio – que é caracterizado como um herói nacional. Na atualidade, todavia, tal pensamento é escasso, uma vez que, lamentavelmente, há uma nítida desvalorização das comunidades e dos povos tradicionais no Brasil, gerando impactos culturais e sociais. Logo, é fulcral analisar como a inobservância do governo e o descaso das escolas atuam como os principais desafios inerentes a essa mazela.

Diante desse cenário, é válido salientar a intrínseca relação entre a omissão governamental e os entraves relacionados à desvalorização dos grupos tradicionais no Brasil. De acordo com a Constituição Federal de 1988, é responsabilidade do Estado zelar pelo bem-estar e pela integridade de seus cidadãos. Nota-se, contudo, que, na prática, esse dever não é cumprido, haja vista a notória escassez de políticas públicas direcionadas à eficaz proteção das comunidades tradicionais. Observa-se tal situação a partir da ínfima fiscalização das áreas destinadas às aldeias indígenas e aos quilombos, que são, cada vez mais, alvos de invasões por grandes empresas exploradoras dos recursos naturais, provocando mortes e destruição. Por conseguinte, aumenta-se a fragilização e o apagamento da cultura desses indivíduos. Assim, ratifica-se que a inoperância do governo é um alarmante empecilho à plena exaltação dos povos tradicionais.

Ademais, a postura inerte dos centros de ensino também é um obstáculo ao ato de valorizar as comunidades e os povos tradicionais na nação. Sob a ótica de Paulo Freire, as escolas devem promover a educação libertadora, a qual é capaz de formar cidadãos autônomos e detentores de uma visão de mundo ampliada. Grande parte dos colégios, entretanto, destoa desse pensador, posto que há uma evidente priorização de metodologias tradicionais, as quais privilegiam conteúdos curriculares em detrimento de abordagens mais práticas, como o ensino da cultura e das tradições das comunidades nativas. Em decorrência desse contexto, formam-se, em muitos casos, estudantes desinformados e dotados de perspectivas estereotipadas acerca de ribeirinhos e de quilombolas, por exemplo. Dessa maneira, enquanto as escolas negligenciarem essa questão, os povos tradicionais serão cada vez mais segregados e desvalorizados.

Torna-se evidente, portanto, que fatores governamentais e escolares não devem mais agir como barreiras à valorização de comunidades e de povos tradicionais no Brasil. Para isso, cabe ao Governo Federal – instituição cujo dever é zelar pelos direitos dos indivíduos – por meio de maior disponibilização de verbas, promover a contratação e a capacitação de fiscais, com o objetivo de ampliar o monitoramento das comunidades e de coibir invasões. Além disso, é papel das escolas, por intermédio de rodas de conversa, ensinarem seus alunos acerca da importância do respeito à cultura indígena, por exemplo, com a finalidade de formar cidadãos informados e não preconceituosos. Dessarte, gradualmente, tal como na Primeira Geração Romântica, as comunidades e povos tradicionais serão exaltados no país.”

8. Redações

• Ampla Concorrência

1 No século XVI, com a chegada dos portugueses ao Brasil, os nativos sofreram diversas tentativas de apropriação
2 da cultura, como a catequese compulsória, por serem considerados menos civilizados pelos colonizadores. Essa mentali-
3 dade perdura até a atualidade, visto que é possível notar uma enorme desvalorização das comunidades e dos povos
4 tradicionais, pois, desde a criação estatal e a existência da pauta das elites, esse pensamento é cada vez mais
5 enraizado nas imaginárias populares.

6 A princípio, tal análise é inatenciosa ao tratar como totalizadora da problemática. A economia no Brasil colô-
7 nial foi pautada, principalmente, na agroexportação, o que levou à expulsão dos nativos de suas aldeias para a for-
8 mação de lavras e a utilização como mão de obra escravizada. Em razão dos riscos em um modelo colonial,
9 o país ainda não foi capaz de superar o modelo econômico da época, sendo um país que continua colonizado,
10 principalmente, produtos primários e, em razão desse contexto, a ideia dos povos originários como meros inpec-
11 tuos à economia se mantém. O governo, apesar de seu papel de conciliador de interesses para a estabilidade social, re-
12 sultante às pressões dos latifundiários que visam a expansão de suas terras em detrimento da presença dos comuni-
13 dades tradicionais. Essa situação impede a valorização dessas realidades, pois, com o apoio governamental devido,
14 as suas próprias existências não são levadas em conta.

15 Ademais, considero a discussão acerca da falta de debate sobre o tema nas escolas como potencializadora de proble-
16 ma. Conforme o educador Américo Teixeira, as instituições de ensino têm por objetivo auxiliar e aliar a desen-
17 volver o pensamento crítico e comunitário para prepará-los à vida em sociedade. No entanto, na contemporane-
18 idade, os institutos educacionais vão de encontro aos ideais de autores, visto que insistem em uma educação a
19 qual preza apenas pelo conteúdo, ignorando as necessidades dos estudantes. Tal conjuntura dificulta a criação
20 de sentimentos de valorização às comunidades nativas, pois, na medida em que o aprendizado sobre a história
21 e a cultura desses povos é negligenciado, menos é a sensação de que estes fazem parte da sociedade brasilei-
22 ra, o que reforça as ideias discriminatórias dos portugueses.

23 Uma, portanto, que medidas sejam tomadas para minimizar os impactos para a valorização os nativos e os seus
24 aspectos sociais. Assim, cabe ao Governo Federal, ente responsável pelo bem-estar social, por meio de redireciona-
25 mento de verbas, criar um Ministério voltado, exclusivamente, às pautas das comunidades originárias, a fim
26 de garantir os direitos desse grupo e de preservar a sua cultura. Além disso, o Ministério da Educação, órgão
27 incumbido das políticas públicas socioeducacionais da Educação, deve, por intermédio de pedagogos e de an-
28 tropólogos, se qualificar na formulação de projetos, adicionais, na Base Nacional Comum Curricular, e insinuar
29 sobre os povos tradicionais, com o fim de desfazer a mentalidade dos colonizadores e, desse modo, valorizar os
30 valores desses povos do país.

Nota 980 - AMANDA TIEMI ONISHI DA SILVA

C1: 180 C2: 200 C3:200 C4:200 C5:200



uff

Faculdade de
MEDICINA
Universidade Federal Fluminense

8. Redações

• Redação transcrita

“No século XVI, com a chegada dos portugueses ao Brasil, os nativos sofreram diversas tentativas de apagamento cultural, como a catequese compulsória, por serem considerados menos civilizados pelos colonizadores. Essa mentalidade perdura até a atualidade, visto que é possível notar uma enorme desvalorização das comunidades e dos povos tradicionais, pois, devido à omissão estatal e à ausência da pauta nas escolas, esse pensamento é cada vez mais enraizado no imaginário popular.

A princípio, cabe analisar a inatividade do Estado como catalisadora da problemática. A economia do Brasil colônia foi pautada, principalmente, na agroexportação, o que levou à expulsão dos nativos de suas aldeias para a formação de lavouras e os utilizou como mão de obra escravizada. Em razão dos séculos em um modelo colonial, o país ainda não foi capaz de superar o estilo econômico da época, tendo em vista que continua comercializando, principalmente, produtos primários e, em virtude desse contexto, a ideia dos povos originários como meros empecilhos à economia se mantém. O governo, apesar do seu papel conciliador de interesses para a estabilidade social, se submete às pressões de latifundiários que visam a expansão de suas terras em detrimento da presença das comunidades tradicionais. Essa situação impede a valorização dessas sociedades, pois, sem o apoio governamental devido, as suas próprias existências são colocadas em risco.

Ademais, convém a discussão acerca da falta de debate sobre o tema nas escolas como potencializadora do problema. Conforme o educador Anísio Teixeira, as instituições de ensino têm por objetivo auxiliar o aluno a desenvolver o pensamento crítico e comunitário para prepara-los à vida em sociedade. No entanto, na contemporaneidade, os institutos educacionais vão de encontro aos ideais do autor, visto que insistem em uma educação a qual preza apenas pelo conteúdo, ignorando as necessidades dos estudantes. Tal conjuntura dificulta a criação de sentimentos de valorização às comunidades nativas, pois, na medida em que o aprendizado sobre a história e a cultura desses povos é negligenciado, menor é a sensação de que estes fazem parte da sociedade brasileira, o que reforça os ideais etnocêntricos dos portugueses.

Urge, portanto, que medidas sejam tomadas para minimizar os impasses para se valorizar os nativos e os seus aspectos sociais. Assim, cabe ao Governo Federal, ente responsável pelo bem-estar social, por meio de redirecionamento de verbas, criar um Ministério voltado, exclusivamente, às pautas das comunidades originárias, a fim de garantir os direitos desse grupo e de preservar a sua cultura. Além dessa ação, o Ministério da Educação, órgão incumbido das políticas públicas socioeducacionais da Federação, deve, por intermédio de pedagogos e de antropólogos, os quais ajudarão na formulação do projeto, adicionar, na Base Nacional Comum Curricular, o ensino sobre os povos tradicionais, com o fito de desfazer a mentalidade dos colonizadores e, desse modo, valorizar os verdadeiros donos do país.”

8. Redações

• Ampla Concorrência

1	No século XX, a Antropologia surgiu como uma tentativa de romper com o eurocen-
2	tismo vigente e de incentivar a valorização de culturas historicamente silenciadas. Nesse vi-
3	és, apesar das reconhecidas avanços desta corrente ideológica, abrange-se a permanência da
4	desvalorização de povos e comunidades tradicionais no cenário brasileiro. Dessa modo, faz-
5	se imprescindível discutir como a negligência governamental e a inoperância social
6	dificultam o estabelecimento da "Alteridade" preconizada pela ciência antropológica.
7	Em uma abordagem inicial, nota-se como a omissão do governo na preservação de
8	povos tradicionais advém de um modelo capitalista predatório. De acordo com o sociólogo
9	Karl Marx, o Estado possui lucros em detrimento de valores. Dada essa ótica, a postura per-
10	missiva das autoridades federais frente ao desmatamento e à expropriação de terras, pro-
11	vocadas pela expansão do agromecanismo, demonstra a materialização dessa lógica de produção
12	que subverte o capital financeiro à conservação ambiental e cultural. Nesse sentido, as
13	autoridades de seus territórios, indígenas e quilombolas são marginalizadas e impedidas
14	de praticarem seus costumes. Dessa forma, enquanto o Poder Público assume uma postura pre-
15	datória, não está possível promover a segurança física e imaterial de tais grupos.
16	Ademais, vale ressaltar a existência de resquícios de mentalidade etnocêntrica no cor-
17	po social. Nesse raciocínio, a falta de mobilização coletiva na luta pela proteção de grupos
18	tradicionais invisibilizados, de modo a apoiar movimentos pautados, demonstra a des-
19	preocupação de parte da população em valorizar culturas diferentes do padrão hegemônico oci-
20	dental. Dada essa premissa, na medida em que contribui para a exclusão desses povos, tal indi-
21	vidualismo constitui uma "Violência Simbólica", a qual, segundo o filósofo Pierre Bourdieu,
22	atua criando discursos e subalternizando os indivíduos. Dessa maneira, o ativismo social
23	e político configura a principal forma de combater o panorama de opressão e imposição
24	cultural no qual as comunidades originárias estão submetidas.
25	Depreende-se, portanto, a necessidade de conservar as práticas e os saberes tradicionais por
26	ra um país diverso. Cabe, então, ao Ministério Governo Federal - supervisionar pela administra-
27	ção do território nacional - cumprir a conservação ambiental e cultural no Brasil, por me-
28	dição do estabelecimento de fiscalizações que garantam o cumprimento das leis, a fim de e-
29	vituar a degradação dos ecossistemas que abrigam os povos tradicionais. Assim, vislumbra-
30	se a uma sociedade que valorize diferentes culturas, conforme aborda a Antropologia.

Nota 980 - CLARA PEREIRA LOPES GARCIA Y
SANTOS

8. Redações

• Redação transcrita

“No século XX, a Antropologia surgiu como uma tentativa de romper com o eurocentrismo vigente e de incentivar a valorização de culturas historicamente silenciadas. Nesse viés, apesar dos reconhecidos avanços dessa corrente ideológica, observa-se a permanência da desvalorização de povos e comunidades tradicionais no cenário brasileiro. Desse modo, faz-se imprescindível discutir como a negligência governamental e a inoperância social dificultam o estabelecimento da “alteridade” preconizada pela ciência antropológica.

Em uma abordagem inicial, nota-se como a missão do governo na preservação de povos tradicionais advém de um modelo capitalista predatório. De acordo com o sociólogo Karl Marx, o Estado prioriza lucros em detrimento de valores. Sob essa ótica, a postura permissiva das autoridades federais frente ao desmatamento e à expropriação de terras, provocados pela expansão do agronegócio, demonstra a materialização dessa lógica de produção, que sobrepõe o capital financeiro à conservação ambiental e cultural. Nesse sentido, ao serem retirados de seus territórios, indígenas e quilombolas são marginalizados e impedidos de praticarem seus costumes. Dessa forma, enquanto o Poder Público assumir uma postura predatória, não será possível promover física e imaterial de tais grupos.

Ademais, vale ressaltar a existência de resquícios da mentalidade etnocêntrica no corpo social. Nesse raciocínio, a falta de mobilização coletiva na luta pela proteção de grupos tradicionais invisibilizados, de modo a apoiar movimentos preexistentes, demonstra a despreocupação de parte da população em valorizar culturas diferentes do padrão hegemônico ocidental. Sob esse prisma, na medida em que contribui para a exclusão desses povos, tal individualismo constitui uma “Violência Simbólica”, a qual, segundo o filósofo Pierre Bourdieu, atua cerceando direitos e subalternizando os indivíduos. Dessa maneira, o ativismo social e política configura a principal forma de combater o panorama de opressão e imposição cultural no qual as comunidades originárias estão submetidas.

Depreende-se, portanto, a necessidade de conservar as práticas e os saberes tradicionais para um país diverso. Cabe, então, ao Governo Federal - responsável pela administração do território nacional - ampliar a conservação ambiental e cultural no Brasil, por meio do enrijecimento de fiscalizações que garantam o cumprimento das leis, a fim de evitar a degradação dos ecossistemas que abrigam os povos tradicionais. Assim, vislumbrará-se uma sociedade que valorize diferentes culturas, conforme ansiava a Antropologia.”

- **Ampla Concorrência**

1 A Constituição Federal de 1988, apelidada "cidadã", defende que povos indígenas e quilombolas
2 do Brasil possuem suas culturas e seus territórios respeitados. No entanto, é evidente que esses mi-
3 nhos sociais e outros povos e comunidades tradicionais encontram graves desafios para serem ~~valor-~~
4 ~~goda~~ valorizados devidamente no país. Isso se deve ao desconhecimento da população sobre a importância
5 desses grupos e aos interesses econômicos tecnicamente divergentes.

Em primeira análise, observa-se que grande parte dos brasileiros não conhece o papel histórico e cultural exercido por esses grupos populacionais. Essa ignorância é resultante de um modelo educacional "bankário", ~~como~~ como definido pelo renomado educador brasileiro Paulo Freire, que é predominante no país e que, ao considerar o aluno não detentor de conhecimentos prévios, estimula, que o estudante apenas decore fatos e não analise criticamente o que estuda. Nesse sentido, o aluno não entende como as identidades culturais de indígenas, quilombolas e ribeirinhos, por exemplo, foram opressoras por indivíduos com interesses coloniais, imperialistas ou econômicos. Além disso, o respeito aos direitos das minorias sociais deve ser considerado dívida histórica do país.

14 A lei outa, óptica, ~~esses~~ povos não frequentemente entendidos como obstáculos ao desenvolvimento
15 econômico do país. Veja-se, por exemplo, o documentário "Guerras do Brasil". A obra retrata, por meio
16 das análises do historiador indígena Krenak, o debate histórico e, por vezes, violento sobre a con-
17 versão de territórios e reservas para povos e comunidades tradicionais e o aproveitamento econômico ~~desses~~
18 desses áreas. Esse conflito, porém, é causado por uma perspectiva econômica predatória que não enten-
19 de como a utilização sustentável dos recursos naturais que é promovida por esses grupos tradicionais pode
20 beneficiar a economia do país a partir de um aproveitamento consistente e moderado da natureza. Logo, a
21 demarcação dessas comunidades por motivos econômicos não é válida.

É essencial, portanto, que sejam tomadas medidas para reparar essa problemática. Cabe às escolas - instituições responsáveis por formar os cidadãos do futuro - ^{promoverem} ~~promoverem~~ eventos informativos sobre a relevância histórica, cultural e econômica dos povos e comunidades tradicionais de país por meio de palestras, debates e ^{redes} ~~tudo~~ de conexão. Essas ações são ^{conduzidas} ~~conduzidos~~ por profissionais qualificados, como historiadores e antropólogos, ^{obrigatórios} ~~obrigatório~~ para alunos, ^{abertos} ~~aberto~~ para a comunidade em geral e, além disso, têm o objetivo de fomentar que a população brasileira compreenda a relevância desses grupos sociais, os valorize e lute pelos direitos dessas minorias. Afinal, importa que ~~Todos durante~~ todos os garantidos da Constituição Cidadã sejam plenamente cumpridos.

OS01043_ID_03628640_02_LI_005_D1_K0_ENEM2210401_N02_RJ_001_G023.IXT / S; 0013315

Nota 980 - Camille Nery Leão

C1: 180 C2:200 C3:200 C4:200

C5:200



vff

MEDICINA Faculdade de
Universidade Federal Fluminense

8. Redações

• Redação transcrita

“A Constituição Federal de 1988, apelidada “cidadã”, defende que os povos indígenas e quilombolas do Brasil possuam suas culturas e seus territórios respeitados. No entanto, é evidente que essas minorias sociais e outros povos e comunidades tradicionais encontram graves desafios para serem valorizados devidamente no país. Isso se deve ao desconhecimento da população sobre a importância desses grupos e aos interesses econômicos teoricamente divergentes.

Em primeira análise, observa-se que grande parte dos brasileiros não conhece o papel histórico e cultural exercido por esses grupos populacionais. Essa ignorância é resultante de um modelo educacional “bancário”, como definido pelo renomado educador brasileiro Paulo Freire, que é predominante no país e que, ao considerar o aluno não detentor de conhecimentos prévios, estimula que o estudante apenas decore fatos e não analise criticamente o que estuda. Nesse sentido, o aluno não entende como as identidades culturais de indígenas, quilombolas e ribeirinhos, por exemplo, foram apagados por indivíduos com interesses coloniais, imperialistas ou econômicos. Sendo assim, o respeito aos direitos dessas minorias sociais deve ser considerado dívida histórica do país.

Sob outra óptica, esses povos são frequentemente entendidos como obstáculos ao desenvolvimento econômico do país. Veja-se, por exemplo, o documentário “Guerras do Brasil”. A obra retrata, por meio das análises do historiador indígena Krenak, o debate histórico e, por vezes, violento sobre a concessão de territórios e reservas para povos e comunidades tradicionais e o aproveitamento econômico dessas áreas. Esse conflito, porém, é causado por uma perspectiva econômica predatória que não entende que uma utilização sustentável dos recursos naturais, que é promovida por esses grupos tradicionais, pode beneficiar a economia do país a partir de um aproveitamento consciente e moderado da natureza. Logo, a desvalorização dessas comunidades por motivos econômicos não é válida.

É essencial, portanto, que sejam tomadas medidas para reparar essa problemática. Cabe às escolas – instituições responsáveis por formar os cidadãos do futuro – promoverem eventos informativos sobre a relevância histórica, cultural e econômica dos povos e comunidades tradicionais do país, por meio de palestras, debates e rodas de conversa. Essas ações serão conduzidas por profissionais qualificados, como historiadores e antropólogos, obrigatórios para alunos, abertos para a comunidade em geral e, além disso, terão o objetivo de fomentar que a população brasileira compreenda a relevância desses grupos sociais, os valorize e lute pelos direitos dessas minorias. Afinal, importa que todas as garantias da Constituição Cidadã sejam plenamente cumpridas.”

8. Redações

• Ampla Concorrência

O personagem titular do romance "O Triste fim de Policarpo Quaresma", clássico da literatura brasileira, é um fervente defensor do Brasil, exaltando suas tradições e cultura ao ponto de repudiar o português como sua língua oficial, defendendo a substituição desta por línguas indígenas. Entretanto, ao mesmo tempo Policarpo não se reflete no contexto da realidade, tanto no livro quanto na vida real, visto que existem desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil, uma problemática que torna árdua a reflexão dos marcos e das características marcadas. Assim, é necessário analisar mais criticamente o papel de personagens históricos e a sua representação midiática na construção da nossa realidade.

Primeiramente, é importante ressaltar a importância histórica como fomentadora dos desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil. Isso é, desde o período de colonização no século XVI, os povos originários do país são tratados como inferiores, sendo despidos de sua cultura, escravizados e mortos por aqueles que se autodeclaravam mais evoluídos. Nesse contexto, a mentalidade de superioridade se tornou parte integrante da sociedade, moldando, até os dias de hoje, a reprodução de comportamentos preconceituosos e violentos contra esses povos. Por exemplo, a música "Brincar de Índia", da opereta Xuxa, popularmente conhecida como "Brincar de Índia", contém frases ofensivas, como "índia fazer barulho", que incentivam a propagação de estereótipos preconceituosos contra esses povos. Só com isso, parece-se que com uma mudança na mentalidade alimada e elitista da sociedade, as comunidades indígenas nunca serão verdadeiramente valorizadas e respeitadas.

Ademais, a má representação midiática representa um empecilho para se relacionar os desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil. Em outros pontos, grupos como quilombolas, ciganos e ribeirinhos raramente são representados de forma correta pela mídia, sendo limitados a personagens sem profundidade e estereótipos. Consequentemente, a sociedade é exposta à visão romantizada e fantasiosa dos povos tradicionais, criando-se uma dificuldade de contato e compreensão entre esses dois grupos. Como exemplo, na novela "Nos Tempos do Imperador", de 2021, um personagem negro, quilombola e líder da Pequena África, no Rio de Janeiro, tinha mínima relevância na trama, visto que foi reduzido a ser apenas um amigo do Imperador Dom Pedro II. Devido a isso, impede-se que a população brasileira tenha contato com a realidade desses povos, para que, assim, possa se respeitar e valorizá-los.

Portanto, a fim de que a sociedade encontre caminhos para combater os desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais, medidas governamentais precisam ser efetivadas. Em primeiro lugar, o Governo Federal, maior instância do Poder Executivo, deve, em parceria com o Ministério da Educação, realizar palestras e reunir comunidades em suas redes sociais, com a presença de líderes de comunidades tradicionais que possam transmitir conhecimentos sobre seus povos e suas culturas, com o objetivo de mudar as mentalidades preconceituosas da sociedade. Além disso, o próprio governo federal, junto das redes de mídia, deve incentivar no país, precisa inserir a integração de comunidades tradicionais na mídia, a partir da criação de editoriais, financiados pelo governo, que representem esses povos de forma correta. Dessa forma, espera-se conscientizar a população à valorizar as comunidades e povos tradicionais do Brasil, como fazia Policarpo Quaresma.

OS01043_ID_03554072_02_LT_002_D1_K0_ENEM2210401_N02_RJ_001_G023.TXT / S: 0009655



Nota 980 - HELENA CHIARATTI CERVEIRA

C1: 180 C2: 200 C3:200 C4:200 C5:200

8. Redações

• Redação transcrita

“O personagem titular do romance "O Triste fim de Policarpo Quaresma", clássico de literatura brasileira, um fervente devoto do Brasil exaltado suas tradições e cultura ao ponto de repudiar o português como sua língua oficial, defendendo a substituição deste por línguas indígenas. Entretanto, as crenças de Policarpo não se refletem no restante da seriedade, tanto no livro quanto na vida real, visto que existem desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil, uma problemática que torna árdua a sobrevivência das memórias e das características nacionais. Assim, é necessário analisar mais criticamente o papel do preconceito histórico e a má representação midiática na manutenção dessa realidade.

Primeiramente, é importante ressaltar o preconceito histórico como fomentador dos desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil. Isto é desde o período de colonização no século XVI, os povos originários do país são tratados como inferiores, sendo despidos de suas culturas, escravizados e mortos por aqueles que se autodeclaravam mais evoluídos. Nesse contexto, essa mentalidade de superioridade se tornou parte intrínseca da sociedade, normalizando, até os dias de hoje, a reprodução de comportamentos preconceituosos e violentos contra esses povos. Por exemplo, a música "Brincar de Índio", da apresentadora Xuxa, popularmente disseminada entre crianças, contém frases ofensivas, como "índio fazer barulho", que incentivam a propagação de estereótipos preconceituosos contra esses povos. Sob essa óptica, percebe-se que sem uma mudança na mentalidade alienada e elitista da sociedade, as comunidades originárias nunca serão verdadeiramente valorizadas e respeitadas.

Ademais, a má representação midiática representa um empecilho para se solucionar os desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil. Em outras palavras, grupos como quilombolas, ciganos e ribeirinhos raramente são representados da forma correta pela mídia, sendo limitados a personagens sem profundidade e estereotipados. Consequentemente, a sociedade é exposta a visões romantizadas e fantasiosas dos povos tradicionais, criando-se uma dificuldade de contato e compreensão entre esses dois grupos. Como exemplo, na novela "Nos Tempos do Imperador", de 2021, um personagem negro, quilombola e líder da Pequena África, no Rio de Janeiro, tinha mínima relevância na trama, visto que foi reduzido a ser somente um amigo do Imperador Dom Pedro II. Desse modo, impede-se que a população brasileira tenha contato com a realidade desses povos, para que, assim, passe a respeitar e valorizá-los.

Portanto, a fim de que a sociedade encontre caminhos para combater os desafios para a valorização de comunidades e de povos tradicionais, medidas governamentais necessitam ser efetuadas. Em primeiro lugar, o Governo Federal, maior instância do Poder Executivo, deve, em parceria com o Ministério da Educação, realizar palestras, a serem transmitidas em suas redes sociais, com a presença de líderes de comunidades tradicionais que possam transmitir conhecimento sobre seus povos e suas culturas, com o objetivo de mudar as mentalidades preconceituosas da sociedade. Além disso, a esfera federal, junto das redes de mídias televisivas no país, precisa incentivar a integração de comunidades tradicionais na mídia, a partir da criação de obras, financiadas pelo Governo, que representem esses povos de forma correta. Dessa forma, espera-se conscientizar a população a valorizar as comunidades e os povos tradicionais do Brasil, como fazia Policarpo Quaresma.”

8. Redações

• Ampla Concorrência

1 Segundo a perspectiva filosófica de São Tomás de Aquino, todos os indivíduos em uma sociedade democrática devem ser
2 iguais em dignidade e direitos. No entanto, a realidade da democracia brasileira distancia-se do ideal proposto pelo filósofo.
3 A ~~comprovação~~ ^{proposição} que o cenário de desvalorização de comunidades e povos tradicionais intensifica-se ~~de~~ ^{perpetua-se}
4 no país diante disso, é fundamental entender os fatores que propiciam a manutenção desse cenário de ~~gradiente~~ ^{gradiente} no Brasil
5 para que, então, projetos sejam desenvolvidos para a reversão dessa problemática.

6 Primeiramente, vale ressaltar a preponderância de uma visão patrimonialista no país, em que povos originários são
7 vistos como um empecilho às práticas capitalistas. Segundo o filósofo brasileiro Sérgio Buargue de Holanda, a personalidade
8 do brasileiro caracteriza-se pela lógica da cordialidade, ou seja, ao confundir interesses públicos e privados, permite-
9 -se de um individualismo ao negligenciar suas decisões pessoais. Sob essa ótica, é evidente que a desvalorização de ~~naturezas~~
10 naturais no país, das comunidades indígenas, e tentativas de expulsão dessas parcelas da população de regiões de interesse
11 se representam a lógica supracitada à medida que direitos são negados a grupos minoritários em prol da acumulação de
12 capital. Exemplo disso é a constante expansão da fronteira agrícola no Centro-Oeste brasileiro que, negligenciando ~~meio~~
13 ritariamente por meio de desmatamentos, queimadas e invasões a áreas de proteção ambiental e terras indígenas ^{com}
14 a premissa de proteção ~~do~~ ^{ao} meio ambiente e aos índios da legislação brasileira, em razão do baixo incentivo e da
15 baixa fiscalização atribuídos a essas medidas. Logo, projetos para o fomento do desenvolvimento sustentável são vitais.

16 Além disso, vale analisar o preconceito a comunidades tradicionais como uma conjuntura ~~histórica~~ ^{histórica} e estrutural da
17 sociedade brasileira. O racismo social caracteriza-se como um pensamento determinista que propõe uma hi-
18 erarquia de culturas e uma suposta superioridade do homem branco europeu a outros povos. Nesse sentido, é natural a
19 preponderância desse ideário pelos portugueses durante a colonização e o período imperial no Brasil, fato que é con-
20 provado pela intensa cristianização física e simbólica imposta a indígenas e africanos escravizados ao longo da história do país.
21 Nesse modo, observa-se a manutenção desse estigma na dualidade ^{calçada por} ~~preconceito~~ secular de preconceito, em que a herança
22 histórica de desprestígio a esses povos impõe a sua ~~inabilitação~~ ^{inabilitação} social plena, como prevê a estigmatização social
23 descrita por Erving Goffman. Assim, a atuação midiática para o estímulo ao reconhecimento da importância e dos
24 direitos desses povos é essencial para a reversão desse estigma ^{a preservação da}.

25 Percebe-se, portanto, que a atuação estatal para ~~combater~~ ^{atenuar} as desigualdades sociais e diversidade no Brasil é essencial
26 para a conservação da cultura e a garantia de direitos a comunidades tradicionais. Para isso, cabe ao Ministério do Meio Ambiente
27 -instituição responsável por promover o desenvolvimento sustentável e o zelo aos recursos naturais no país- a intensificação da
28 fiscalização sobre atividades econômicas de elevado impacto ambiental. Isso deve ser feito por meio da ~~subsidimentação~~ ^{subsidimentação}
29 para a contratação de ~~serviços~~ ^{serviços} ~~para~~ ^{para} preservar as áreas de proteção natural brasileiras. Ademais, campanhas de mídia voltadas para
30 a valorização de povos tradicionais devem acompanhar esse projeto para a aproximação da democracia brasileira da concepção de Tomás de Aquino.

Nota 980 - KAIKY RADELSBERGER GUIDA



uff C1:180 C2:200 C3:200 C4:200 C5:200

8. Redações

• Redação transcrita

“Segundo a perspectiva filosófica de São Tomás de Aquino, todos os indivíduos em uma sociedade democrática devem ser iguais em dignidade e direitos. No entanto, a realidade da democracia brasileira distancia-se do ideal proposto pelo filósofo à proporção que o cenário de desvalorização de comunidades e povos tradicionais intensifica-se e perpetua-se no país. Diante disso, é fundamental entender os fatores que propiciam a manutenção desse cenário degradante no Brasil para que, então, projetos sejam desenvolvidos para a reversão dessa problemática.

Primeiramente, vale ressaltar a preponderância de uma visão patrimonialista no país, em que povos originários são ditos como um empecilho às práticas capitalistas. Segundo o filósofo brasileiro Sérgio Buarque de Holanda, a personalidade do brasileiro caracteriza-se pela lógica da cordialidade, ou seja, ao confundir interesses públicos e privados, permeia-se de um individualismo ao realizar suas decisões pessoais. Sob essa ótica, é evidente que a devastação de reservas naturais no país, lar de comunidades indígenas, e tentativas de expulsão dessa parcela da população de regiões de interesse representam a lógica supracitada à medida que direitos são negados a grupos minoritários em prol da acumulação de capital. Exemplo disso é a constante expansão da fronteira agrícola no Centro-Oeste brasileiro que, realizado majoritariamente e por meio de desmatamentos, queimadas e invasões a áreas de proteção ambiental e terras indígenas, viola a premissa de proteção ao meio ambiente e aos índios da legislação brasileira, em razão do baixo incentivo e da baixa fiscalização atrelados a essas medidas. Logo, projetos para o fomento do desenvolvimento sustentável são vitais.

Além disso, cabe analisar o preconceito a comunidades tradicionais como uma conjuntura histórica e estrutural da sociedade brasileira. O darwinismo social caracteriza-se como um pensamento determinista que propõe uma hierarquia de culturas e uma suposta superioridade do homem branco europeu e outros povos. Nesse sentido, é notável a preponderância desse ideário pelos portugueses durante a colonização e o período imperial no Brasil, fato que é comprovado pela intensa violência física e simbólica imposta a indígenas e africanos escravizados ao longo da história do país. Desse modo, observa-se a manutenção desse estigma na atualidade causado por séculos de preconceito, em que a herança histórica do desprestígio a esses povos impõe-nos a inabilitação social plena, como prevê a estigmatização social descrita por Erving Goffman. Assim, a atuação midiática para o estímulo ao reconhecimento da importância dos direitos desses povos é essencial para a reversão desse estigma.

Percebe-se, portanto, que a atuação estatal para a preservação da sociobiodiversidade no Brasil é essencial para a conservação da cultura e para a garantia de direitos a comunidades tradicionais. Para isso, cabe ao Ministério do Meio Ambiente – instituição responsável por promover o desenvolvimento sustentável e o zelo dos recursos naturais no país – a intensificação da fiscalização sobre atividades econômicas de elevado impacto ambiental. Isso deve ser feito por meio de subsídios estatais para a contratação de fiscais, com o fito de preservar as áreas de proteção natural brasileiras. Ademais, campanhas da mídia voltadas para a valorização de povos tradicionais devem desempenhar esse projeto para aproximar a democracia brasileira da concepção de Tomás de Aquino.”

- **Ampla Concorrência**

OS01043_ID_04821493_01_LT_009_D1_K0_ENEM2210401_N02_RJ_002_G034.TXT / S:0023621



C1: 180 C2: 200 C3:200 C4:200 C5:200

MEDICINA Faculdade de
Universidade Federal Fluminense

8. Redações

• Redação transcrita

“De acordo com o filósofo Immanuel Kant, os indivíduos são naturalmente dotados dignidade, pois estão acima de todo e qualquer preço. Entretanto, nota-se que o ideal filosófico, considerado a base fundamental dos atuais direitos humanos, não é devidamente assegurado no contexto brasileiro, em virtude da dificuldade na garantia da valorização das comunidades tradicionais do país. Tal conjuntura pode ser associada à invisibilidade social dos grupos minoritários e à falta de proteção pelo Estado. Dessa maneira, é de suma importância a compreensão dessa adversidade para que soluções efetivas possam ser empregadas.

Com efeito, deve-se ressaltar a falta de conhecimento de tal parcela social pela população como um fator para o problema em questão. De acordo com a filósofa Djamila Ribeiro, é importante tirar certas situações da invisibilidade com o objetivo de serem discutidas e solucionadas. Contudo, a realidade brasileira vai de encontro ao ideal proposto pela pensadora, haja vista a ineficiente abordagem socioeducativa sobre a relevância social, histórica e econômica das comunidades tradicionais. Isso porque as instituições escolares continuam a oferecer um ensino prioritariamente técnico e inclinado ao mercado de trabalho, o que prejudica a formação moral e cidadã necessária para o respeito e a valorização de tais grupos. Dessa forma, a realidade vivenciada por essas minorias é frequentemente marcada pela segregação e pelo preconceito.

Ademais, é importante mencionar a atuação deficiente do governo na promoção da seguridade dos povos naturais do país. Segundo o filósofo John Locke, durante a formação das sociedades, um contrato teria sido estabelecido entre os indivíduos e o Estado, com o objetivo de garantir os direitos naturais do Homem, como a liberdade, a vida e a propriedade. Todavia, observa-se o distanciamento, por parte do governo, de tal pacto social, tendo em vista a ameaça à integridade física e territorial dos grupos tradicionais brasileiros. Tal condição pode ser exemplificada pelos constantes conflitos entre proprietários de terras e organizações quilombolas ou indígenas pela posse de territórios originalmente pertencentes às comunidades étnicas. Desse modo, a flexibilização das leis de proteção de tal parcela social favorece a lógica do mercado em detrimento da preservação dos saberes e patrimônios do país.

Portanto, faz-se necessária a alteração do quadro vigente no Brasil. Para isso, cabe ao Ministério da Educação, órgão do Poder Executivo responsável pelas diretrizes educacionais, promover uma maior visibilidade aos grupos étnicos do país, por meio da abordagem de tal conteúdo nas aulas de sociologia. Com isso, a relevância social, histórica e econômica de tais indivíduos poderá ser garantida. Além disso, o Poder Legislativo, cuja atribuição consiste na criação e na reformulação da legislação prevista, deve assegurar a proteção dos territórios e dos patrimônios dos povos originários, por intermédio do fortalecimento das leis relativas aos direitos das comunidades ameaçadas. Dessa forma, a preservação da estrutura organizacional necessária para o desenvolvimento socioeconômico de tal parcela será conferida. Assim, espera-se que a dignidade prevista por Kant possa ser usufruída por todos os habitantes do Brasil."

8. Redações

• Ampla Concorrência

1 Hannah Arendt, em "Origens do totalitarismo", afirma que, durante o Imperialismo europeu, houve
2 um processo de hierarquização histórica, no qual povos que não pertenciam à Europa eram considera-
3 dos inferiores. Ao tomar como base tal concepção, para a análise das comunidades e povos tradicionais no
4 Brasil, pode-se inferir que é imprescindível a valorização desses grupos, no entanto, há desafios que
5 impedem sua plena realização.

6 É fundamental a sociedade brasileira estar ciente do valor que comunidades e povos tradicionais co-
7 mo indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, quebradeiras de coco babaçu e muitos outros, apresentam para o país,
8 uma vez que seus costumes, tradições e histórias de luta e resistência enriquecem a cultura e a memória ^{cultural} do Brasil.

9 Além disso, é necessária uma troca entre culturas existentes no território, pois contribui para um sentimento de
10 empatia e ~~tolerância~~ ^{tolerância} mais inclusiva do que recorrendo a diferenças. Contudo, ao pensar que a sociedade se moderniza,
11 enxerga-se cada vez mais o outro, que não está inserido nos grandes centros urbanizados, como se vê, o que acaba
12 gerando uma hierarquia, na qual um olhar branco, heteronormativo e patriarcal é predominante, e os que
13 não são brancos não são valorizados. De acordo com Arendt, na obra supracitada, a inferiorização de culturas
14 desumaniza quem não se encaixa no padrão dominante e, por fim, todo mal é banalizado contra aqueles que
15 não se adequam. Logo, ocorre uma desvalorização dos povos tradicionais no Brasil e, também, surge o preconceito
16 contra as diferenças, supervalorizando, em contrapartida, uma sociedade homogênea que enxerga o dife-
17 rente com preconceito e violência.

18 Por conseguinte, perpetua-se a normalização do preconceito contra essas comunidades. Como resultado,
19 sobrevém a violência contra elas por meio de muitas formas, como a estereotipação, o apagamento de sua socio-
20 diversidade e a distorção do que é importante para elas. Um título de exemplo, na Carta de Amazônia
21 2021, tem-se um apelo para que seus territórios e direitos sejam respeitados, os quais permitem a essas pessoas a
22 continuidade das experiências de suas sociedades e culturas históricas construídas com base em sua tradição e memó-
23 rias. Sendo assim, é preciso avaliar sua importância para que sua existência não seja extinta.

24 Fica evidente, portanto, que transformações são necessárias. Foi tanto, a escola, como instrumento de muta-
25 ção social, deve atuar na desconstrução de padrões vigentes. Esse trabalho pode ser realizado por meio de de-
26 bates, que ocorram no próprio espaço escolar, através de discussões, por exemplo, sobre a obra de Arendt, que
27 trata, entre outros aspectos, sobre a origem do preconceito e exclusão, de modo a afirmar a importância das diferenças.

28 Somente assim será possível promover mudanças estruturais de base, uma vez que os alunos serão
29 agentes transmissores das ideias discutidas e poderão, enfim, cobrar das autoridades um maior
30 respeito às variedades culturais do país.

Nota 960 - BRUNA PINHEIRO ALVES TIDA

C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200



UFF

Faculdade de
MEDICINA
Universidade Federal Fluminense

8. Redações

• Redação transcrita

“Hannah Arendt, em “Origem do Totalitarismo”, afirma que, durante o imperialismo europeu, houve um processo de hierarquização histórica, no qual povos que não pertenciam à Europa eram considerados inferiores. Ao tomar como base tal concepção para a análise das comunidades e povos tradicionais no Brasil, pode-se inferir que é imprescindível a valorização desses grupos, no entanto, há desafios que impedem sua plena realização.

É fundamental a sociedade brasileira estar ciente do valor que comunidades e povos tradicionais como indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, quebradores de coco babaçu e muitos outros apresentam para o país, uma vez que seus costumes, tradições e histórias de luta e resistência enriquecem a cultura e a memória cultural do Brasil. Além disso, é necessária uma troca entre culturas existentes no território, pois contribui para um sentimento de empatia e mais inclusão do que se considera diferente. Contudo, ao passo que a sociedade se moderniza, enxerga-se cada vez mais o outro, que não está imerso nos grandes centros industrializados, como selvagem, o que acaba gerando uma hierarquia, na qual um olhar branco, heteronormativo e patriarcal, é predominante e os que estão fora disso são inferiorizados. De acordo com Arendt, na obra supracitada, a inferiorização de culturas desumaniza quem não se encaixa no padrão dominante e, por fim, todo mal é banalizado contra aqueles que não se adequam. Logo, ocorre uma desvalorização dos povos tradicionais no Brasil e, também, gera o preconceito contra as diferenças, supervalorizando, em contrapartida, uma sociedade homogênea que enxerga o diferente com preconceito e violência.

Por conseguinte, perpetua-se a normalização do preconceito contra essas comunidades. Como resultado, há a violação contra elas propagadas de muitas formas, como a estereotipação, o apagamento de sua biodiversidade e a destruição do que é importante para eles. A título de exemplo, na Carta da Amazônia 2021, tem-se um apelo para que seus territórios e direitos sejam respeitados, os quais permitem a essas pessoas a continuação das experiências de suas sociedades e culturas históricas construídas com base em sua tradição e ancestralidade. Sendo assim, é preciso exaltar sua importância para que sua existência não seja extinta.

Fica evidente, portanto, que transformações são necessárias. Para tanto, a escola, como instrumento de metamorfose social, deve atuar na desconstrução de padrões vigentes. Esse trabalho pode ser realizado por meio de debates, que ocorram no próprio espaço escolar, através de discussões, por exemplo, sobre a obra de Hannah Arendt, que trata, entre outros aspectos, sobre a origem de preconceitos e exclusão, de modo a afirmar a importância das diferenças. Somente assim, será possível promover mudanças estruturais de base, uma vez que os alunos serão agentes transmissores dos ideais discutidos e poderão, enfim, cobrar das autoridades um maior respeito às variedades culturais do país.”

8. Redações

• Ampla Concorrência

1 Durante o romantismo no Brasil, houve uma fase chamada Indianista, na qual
2 os povos indígenas eram retratados de forma idealizada. Contudo, simplesmente, na reali-
3 dade, as comunidades tradicionais do país não são reconhecidas pelo seu importante papel
4 do cotidiano modo que seria nessa fase da literatura. Assim, seja pelo instinto capitalista,
5 seja pela educação parvária, essas populações enfrentam o desafio de não serem consideradas
6 relevantes pela sociedade.

7 Sob tal vis, Karl Marx, filósofo alemão, criticava, em suas obras, a intensa busca pelo lu-
8 cro acima de tudo. De parte de sua teoria, os grandes latifundiários do Brasil, influenciados
9 pelo instinto aborizado pelo pensamento, impedem as terras dos povos indígenas para torná-las mais
10 um meio de aquisição quanto financeiro. Nessa perspectiva as comunidades tradicionais são
11 expulsas de seus lares, onde utilizavam os recursos naturais da ~~terra~~ subsistência, e sua pro-
12 priedade privada é explorada pela indústria de agromecânica, que destrói e destrói a área,
13 levando a danos ~~ao~~ mais ambiente, ~~como~~ como quilombos.

14 Além disso, a escola pouco ensina sobre a real importância das comunidades tradicio-
15 nais. Paulo Freire, educador brasileiro, critica o aprendizado contínuista do Brasil, que privilegia
16 fórmulas e conteúdos por exemplo, em detrimento da formação integral do aluno para enten-
17 der os problemas da realidade. Nesse sentido, os indivíduos possuem aulas vagas sobre os povos
18 indígenas, os quais são superficiais e estereotipados sem retratar o papel dessas populações na
19 conservação do meio ambiente, assunto que Freire ~~percebe~~ ^{percebe}. Portanto, as crianças não dependem
20 essas comunidades, por não terem consciência de que elas possuem a terra e não a deixam
21 ser explorada.

22 Logo, os povos indígenas não são ~~mais~~ valorizados. Dessa forma, é necessário que o Governo Fe-
23 deral, órgão de máxima autoridade no país, condene as invasões das terras das comuni-
24 dades tradicionais pela agromecânica, por meio ^{permanente de} do ~~fiscalização~~ ^{fiscalização} no meio rural, para que a popu-
25 lação dessas populações seja enriquecida. Ademais, o Ministério da Educação, por ser responsá-
26 vel pelo aprendizado dos brasileiros, deve implementar, no grade curricular, a importância
27 dos indígenas, dos quilombolas, entre outros, por intermédio de aulas e de ~~políticas~~ ^{políticas} pa-
28 triais, com o intuito de tornar os indivíduos mais conscientes da real situação. Com isso,
29 a fase Indianista será transposta para a atualidade, ^{impedindo} ~~impedindo~~ a ~~releitura~~ ^{releitura} dos po-
30 vos indígenas.

Nota 960 - MARIA CAROLINA SPINELLI SOARES
MONERO

8. Redações

• Redação transcrita

“Durante o Romantismo, no Brasil, houve uma fase chamada Indianista, na qual os povos originários eram retratados de forma idealizada. Contudo, infelizmente, na realidade, as comunidades tradicionais do país não são reconhecidas pelo seu importante valor, do mesmo modo que ocorria nessa fase da literatura. Assim, seja pelo instinto capitalista, seja pela educação precária, essas populações enfrentam o desafio de não serem consideradas relevantes pela sociedade.

Sob tal viés, Karl Max, filósofo alemão, criticava, em suas obras, a intensa busca pelo lucro acima de tudo. A partir dessa teoria, os grandes latifundiários do Brasil, influenciados pelo instinto abordado pelo pensador, invadem as terras dos povos originários para torná-las mais um meio de adquirir ganho financeiro. Nessa perspectiva, as comunidades tradicionais são expulsas de seus lares, em que utilizavam os recursos em prol da subsistência e essa propriedade passa a ser explorada pela indústria do agronegócio, que desmata e destrói a área, levando a danos ao meio ambiente, como queimadas.

Além disso, a escola pouco ensina sobre a real importância das comunidades tradicionais. Paulo Freire, educador brasileiro, criticava o aprendizado conteudista do Brasil, que prioriza fórmulas e números, por exemplo, em detrimento da formação integral do aluno para enfrentar os problemas da realidade. Nesse sentido, os indivíduos possuem aulas vagas sobre os povos originários, as quais são superficiais e estereotipadas sem retratar o papel dessas populações na conservação do meio ambiente, assunto que Freire prezava. Portanto, os cidadãos não defendem essas comunidades, por não terem consciência de que elas preservam a terra e não a deixam ser explorada.

Logo, os povos originários não são valorizados. Dessa forma, é necessário que o Governo Federal, órgão de máxima autoridade no país, condene as invasões das terras das comunidades tradicionais pelo agronegócio, por meio do aumento de fiscalizações no meio rural, para que a propriedade dessas populações seja adequada. Ademais, o Ministério da Educação, por ser responsável pelo aprendizado dos brasileiros, deve implementar, na grade curricular, a importância dos indígenas, dos quilombolas, entre outros, por intermédio de aulas e de palestras, com o intuito de tornar os indivíduos mais conscientes da real situação. Com isso, a fase indianista será transposta para a atualidade, inserindo a relevância dos povos originários.”

8. Redações

• Ampla Concorrência

1 No filme "Avatar", é retratado a vivência de um povo tradicional do planeta Pandora, o qual tem uma profunda relação
2 com a natureza e retina dela, umente e necessário, visto que ela é como uma mãe para esses seres. Assim como eles, há no Brasil
3 diversas comunidades e povos tradicionais, como os indígenas e os extrativistas, que também vivem em harmonia com o am-
4 biente no qual ~~os~~ habitam, mas que enfrentam diversos desafios para a sua valorização, como o capitalismo e a indústria cultural.
5 Primeiramente, o capitalismo é um dos principais desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no país. Para a
6 Sociologia, o sistema capitalismo é caracterizado como um sistema econômico que prioriza somente o lucro em detrimento do bem-
7 tar social. Dessa forma, como os detentores dos meios de produção misqueiramente enxergam apenas o que é lucrativo para eles, as co-
8 munidades e os povos tradicionais, como os indígenas e os extrativistas, acabam sendo vistos como obstáculos, já que esses cuidam do
9 ambiente que, na visão daqueles, deve dar lugar à produção de matéria-prima ou aos países para a criação de poder. Assim, como afir-
10 mou o ativista Chico Mendes, no Brasil, a natureza é vista como algo que deve ser substituída pela cidade, o que transforma o
11 capitalismo em um grande desafio para a valorização de quem segue os caminhos opostos aos princípios das leis do capital: os da preservação.
12 Além disso, outro desafio para a problemática em questão é a indústria cultural. De acordo com o sociólogo Theodor Adorno, uma indús-
13 tria é caracterizada como uma forma de ~~trabalho~~ tentar homogeneizar a cultura, sobretudo através da mídia, a qual busca unificar a cul-
14 tura de massa. Dessa maneira, ao desconstruir as características individuais de cada comunidade e povos tradicionais, bem como os
15 seus modos de vida, um vez de dar uma maior visibilidade para eles e auxiliá-los na preservação e valorização de seus costumes, como a
16 das quebradeiras de coco (maca) baía na região Meio Norte, os meios midiáticos os invisibilizam em função das práticas culturais que
17 priorizam. Com isso, sem apoio e cada vez mais invisibilizados, seus importantíssimos costumes são, lamentavelmente, aos poucos sen-
18 do esquecidos, o que representa uma imensa perda cultural para o Brasil. Logo, fica evidente o quanto a atual indústria vi-
19 diática é desafiadora para a valorização de determinadas tradições.
20 Sendo assim, o sistema capitalista e a indústria cultural são dois desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais
21 no Brasil. Desse modo, é fundamental que as instituições de ensino, como as escolas, por meio de aulas interativas e de pale-
22stras, as quais são realizadas por indivíduos oriundos dessas povos, ensinem os seus alunos a valorizarem os costumes dessas co-
23 munidades tradicionais. Assim, ao tornarem-se adultos e detentores dos meios de produção, saberão respeitar a diversidade e auxiliá-
24r na preservação dos costumes deles um vez de destruí-los, contribuindo para a sua valorização. Ademais, no lugar de homogeneizar
25 a cultura, a mídia, por meio de programas que mostram o cotidiano dessas comunidades, deve mostrar a todos o quanto a diversi-
26 dade é enriquecedora para a cultura do país. Ao fazer isso, os indivíduos que vivem no Brasil como os seres de Pandora pas-
27 sarão a ser, de fato, valorizados como devem ser.
28

Nota 940 - VANESSA DE OLIVEIRA MORAIS

C1:160 C2:200 C3:180 C4:200 C5:200



uff

Faculdade de
MEDICINA
Universidade Federal Fluminense

8. Redações

• Redação transcrita

“No filme “Avatar”, é retratado a vivência de um povo tradicional do planeta Pandora, no qual tem uma profunda relação com a natureza e retira dela somente o necessário, visto que eles são vistos como uma mãe para esses seres. Assim como eles, há no Brasil diversas comunidades e povos tradicionais, como os indígenas e os extrativistas, que também vivem em harmonia com o ambiente no qual habitam, mas que enfrentam diversos desafios para a sua valorização, como o capitalismo e a indústria cultural.

Primeiramente, o capitalismo é um dos principais desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no país. Para a Sociologia, o sistema capitalista é caracterizado como um sistema econômico que prioriza somente o lucro em detrimento do bem-estar social. Dessa forma, como os detentores dos meios de produção miopemente enxergam apenas o que é lucrativo para eles, as comunidades e os povos tradicionais, como os indígenas e os extrativistas, acabam sendo vistos como obstáculos, já que estes cuidam do ambiente que, na visão daqueles, deve dar lugar à produção de matéria-prima ou aos pastos para a criação de gados. Assim, como afirmava o ativista Chico Mendes, no Brasil, a natureza é vista como algo que deve ser substituída pela boiada, o que transforma o capitalismo em um grande desafio para a valorização de quem segue os caminhos opostos aos princípios das leis do capital: os da preservação.

Além disso, outro desafio para a problemática em questão é a indústria cultural. De acordo com o sociólogo Theodor Adorno, essa indústria é caracterizada como uma forma de tentar homogeneizar a cultura, sobretudo através da mídia, a qual busca unificar a cultura de massa. Dessa maneira, ao desconsiderar as características individuais de cada comunidade e povos tradicionais, bem como os seus modos de vida, em vez de dar uma maior visibilidade para eles e auxiliá-los na preservação e valorização de seus costumes, como o das quebradeiras de coco babaçu na região Meio Norte, os meios midiáticos os inferiorizam em função das práticas culturais que priorizam. Com isso, sem apoio e cada vez mais invisibilizados, esses importantíssimos costumes vão, lamentavelmente, aos poucos, sendo esquecidos, o que representa uma imensa perda cultural para o Brasil. Logo, fica evidente o quanto a atual indústria midiática é desafiadora para a valorização de determinadas tradições.

Sendo assim, o sistema capitalista e a indústria cultural são dois desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil. Desse modo, é fundamental que as instituições de ensino, como as escolas, por meio de aulas interativas e de palestras, as quais serão realizadas por indivíduos oriundos desses povos, ensinem os seus alunos a valorizarem os costumes dessas comunidades tradicionais. Assim, ao tornarem-se adultos e detentores dos meios de produção, saberão respeitar a diversidade e auxiliarão na preservação dos costumes deles, em vez de destruí-los, contribuindo para a sua valorização. Ademais, no lugar de homogeneizar a cultura, a mídia, por meio de propagandas que mostrem o cotidiano dessas comunidades, deve mostrar a todos o quanto a diversidade é enriquecedora para a cultura do país. Ao fazer isso, os indivíduos que vivem no Brasil, como os seres de Pandora, passarão a ser, de fato, valorizados como devem ser.”

8. Redações

• L1

1 Durante a 1ª geração do Romantismo brasileiro, o índio se tornou a peça mais importante
2 da literatura nacional, e, recorrentemente, foi o herói na trama de diversos livros, poemas
3 e peças teatrais. Contudo, apesar de tal passado, o atual panorama brasileiro revela o oposto
4 do que a história afirma, visto que ~~amanta~~ tem sido a desvalorização dos povos nativos
5 perante a sociedade no país. Dessa maneira, cabe analisar as causas desta problemática,
6 principalmente a mentalidade capitalista e o preconceito social.

7 Em primeiro lugar, é importante apontar que os interesses empresariais se colocam ~~contra~~
8 contra a proteção dos direitos das comunidades tradicionais. Isso porque, segundo o ~~presidente~~
9 ~~defeito~~ por ex-presidente Lula, ~~o agronegócio brasileiro~~, em sua busca
10 desinteressada pelo lucro, se opõe à preservação das reservas ~~indígenas~~ florestais, de ma-
11 neira a maximizar a ocupação territorial dos latifúndios. Nessa ótica, observa-se que, em de-
12 corrência da majoritariedade da ocupação dos povos tradicionais ser associada às áreas
13 de preservação de florestas, essa parcela da população ~~acaba~~ ^{está} sendo ameaçada pelo desmata-
14 mento promovido pelas empresas de agropecuária. Com isso, ~~o~~ o território dos nativos
15 é desrespeitado e seus ^{seus} direitos ~~negados~~.

16 Ademais, é válido frisar também que o forte preconceito ainda presente na socieda-
17 de dificulta ainda mais a valorização desse grupo. Tal apontamento pode ser evidenciado
18 nas falas do presidente Jair Bolsonaro, que em um de seus discursos mencionou a ideia
19 de que quilombolas deveriam ser pesados em arrobas, medida de massa para gado, e
20 não em quilogramas. Nesse viés, fica claro o baixo prestígio social que as
21 comunidades tradicionais possuem, visto que até mesmo o líder da nação possui uma
22 visão estigmatizada ~~deles~~ ~~grupos~~ e pejorativa a seu respeito. Dessa forma, o preconceito
23 com esses povos se perpetua e o problema, inaceitavelmente, permanece sem solução.

24 Portanto, em razão da gravidade da questão da desvalorização dos nativos, medidas
25 fazem-se necessárias. Para tanto, urge que o Governo Federal, por meio do Ministério do Meio
26 Ambiente, órgão associado à preservação de áreas nativas, combata o desmatamento ilegal do
27 agronegócio, com ações policiais nas áreas suspeitas, ~~com~~ vistas a impedir a destruição
28 das terras de comunidades tradicionais. Além disso, caberia também ao Ministério da Educação
29 promover campanhas educacionais contra o preconceito ~~o~~ e a estigmatização desses gru-
30 pos. Tudo isso permitiria a resolução da problemática ~~e~~ e a valorização dos nativos.

OS01043_ID_03602775_01_LT_004_D1_K0_ENEM2210401_N02_RJ_001_G023.TXT / S: 0013082

Nota 980 - TIAGO MIRANDA CATOJO

C1: 200 C2:200 C3:200 C4:180 C5:200



Faculdade de
MEDICINA
Universidade Federal Fluminense

8. Redações

• Redação transcrita

“Durante a primeira geração do romantismo brasileiro, o índio se tornou a peça mais importante da literatura nacional e, recorrentemente, foi o herói na trama de diversos livros, poemas e peças teatrais. Contudo, apesar de tal passado, o atual panorama brasileiro revela o oposto do que a história afirma, visto que tamanha tem sido a desvalorização dos povos nativos perante a sociedade no país. Dessa maneira, cabe analisar as causas dessa problemática, principalmente a mentalidade capitalista e o preconceito social.

Em primeiro lugar, é importante apontar que os interesses empresariais se colocam contra a proteção dos direitos das comunidades tradicionais. Isso porque, segundo o ex-presidente Lula, o agronegócio brasileiro, em sua busca desenfreada pelo lucro, se opõe à preservação das reservas florestais, de maneira a maximizar a ocupação territorial dos latifúndios. Nessa ótica, observa-se que, em decorrência da majoritariedade da ocupação dos povos tradicionais ser associada às áreas de preservação de florestas, essa parcela da população é ameaçada pelo desmatamento promovido pelas empresas de agropecuária. Com isso, o território dos nativos é desrespeitado e seus direitos são negados.

Ademais, é válido frisar também que o forte preconceito ainda presente na sociedade dificulta ainda mais a valorização desse grupo. Tal apontamento, pode ser evidenciado nas falas do presidente Jair Bolsonaro, que em um de seus discursos mencionou a ideia de que quilombolas deveriam ser pesados em arrobas, medida de massa para gado, ao invés de quilogramas. Nesse viés, fica claro o baixo prestígio social que as comunidades tradicionais carregam, visto que até mesmo o líder da nação possui uma visão estigmatizada e pejorativa a seu respeito. Dessa forma, o preconceito com esses povos se perpetua e o problema, inaceitavelmente, permanece sem solução.

Portanto, em razão da gravidade da questão da desvalorização dos nativos, medidas fazem-se necessárias. Para tanto, urge que o Governo Federal, por meio do Ministério do Meio Ambiente, órgão associado à preservação de áreas nativas, combata o desmatamento ilegal do agronegócio, com ações policiais nas áreas suspeitas, com vistas a impedir a destruição das terras de comunidades tradicionais. Além disso, caberia também ao Ministério da Educação promover campanhas educacionais contra o preconceito e a estigmatização desses grupos. Tudo isso permitiria a resolução da problemática e a valorização dos nativos.”

8. Redações

• L1

1 "A SABEDORIA VOS É DADA PARA SABER DIFERENCIAR O BEM DO MAL." ESSA FRASE, RETIRADA DO LIVRO "A DIVINA CO-
2 MÊDIA", DO ESCRITOR DANTE ALIGHIERE, DEFENDE QUE O SER HUMANO DESENVOLVE SEU INTELLECTO PARA SER CAPAZ DE EN-
3 FRENTER AS ADVERSIDADES DO COTIDIANO. NESSA PERSPECTIVA, É JUSTO LEVANTAR CERTA DISCUSSÃO ACERCA DA VALORI-
4 ZACÃO DE COMUNIDADES E POVOS TRADICIONAIS NO BRASIL, JÁ QUE ESSA TEMÁTICA — AO ENFRENTAR DESAFIOS DE RE-
5 CONHECIMENTO — DESMASCARA O RETROCESSO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL DO PAÍS. COM EFEITO, É POSSÍVEL AFIRMAR
6 QUE ESSE TRISTE CENÁRIO É FRUTO DA HERANÇA HISTÓRICA E TEM COMO CONSEQUÊNCIA A DETURPAÇÃO DA DEMOCRACIA.
7 DE INÍCIO, É IMPORTANTE COMPREENDER QUE O PASSADO HISTÓRICO DO BRASIL POTENCIALIZA A PROBLEMÁTICA. NESSA
8 LÓGICA, PARA ENTENDER TAL APONTAMENTO, É VÁLIDO RELEMBRAR QUE, DURANTE O PERÍODO COLONIAL, MUITOS ÍNDIOS
9 FORAM ESCRAVIZADOS PELOS PORTUGUESES COM O INTUITO DE GERAR LUCRO — FATO QUE DEMONSTRA DEMASIADO DESRESPEI-
10 TO COM AS DIFERENÇAS CULTURAIS —. NESSE CONTEXTO, É FÁCIL AFIRMAR QUE ALGUNS DESSES TRAÇOS REPRESSIVOS SÃO
11 CULTIVADOS ATÉ HOJE, VISTO QUE OS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS, A EXEMPLO OS EXTRATIVISTAS E OS CONTINGENTES
12 NÃO DESFRUTAM DE UMA EQUIDADE SOCIAL, FATO QUE PODE SER COMPROVADO QUANDO SE OBSERVA A VIOLAÇÃO DOS SEUS TER-
13 RITÓRIOS NATURAIS, PRINCIPALMENTE POR UTILIZÁ-LOS EM BUSCA DE CAPITAL. DESEMPENHO, ENQUANTO ATOS DE RE-
14 PRESSÃO CULTURAL SE MANTIVEREM, MAIS POVOS TRADICIONAIS SERÃO MARGINALIZADOS.
15 POR CONSEQUENTE, ENTENDE-SE O IMPEDIMENTO DO PLENO ACESSO À DEMOCRACIA POR ESSAS COMUNIDADES VIOLADAS. NESSE
16 ÂMBITO, SEGUNDO MILTON SANTOS, GEÓGRAFO BRASILEIRO, VIVE-SE UM CONTEXTO DE "CIDADANOS MUTILADOS" NO BRASIL,
17 HAJA VISTA QUE OS DIREITOS CONSTITUCIONAIS NÃO SÃO INERENTES A TODOS. NESSE SENTIDO, FICA EVIDENTE QUE A TEORIA
18 DO PENSADOR SE COMPROVA NA REALIDADE FIZIQUINHA, UMA VEZ QUE AS COMUNIDADES TRADICIONAIS TÊM SEU LUGAR DE
19 FALA — FATOR INDISPENSÁVEL PARA O EXERCÍCIO DA DEMOCRACIA — USURPADO, MUITO POR CONTA DE SEREM POVOS MINO-
20 RITÁRIOS, A EXEMPLO O POVO QUILOMBOLA DO PARÁ, QUE CONTA COM POUCO MAIS DE ~~45 MIL FAMÍLIAS~~ 15 MIL FAMÍLIAS,
21 ADEMÁS, PARA REPRESENTÁ-LOS. DESSA FORMA, UM ENTRAVE RELACIONADO À INEFICIÊNCIA DEMOCRÁTICA, DESTROIA A DI-
22 VERSIDADE CULTURAL DO BRASIL — JÁ QUE OS POVOS TRADICIONAIS ESTÃO SENDO DESCONSIDERADOS —.
23 NOTA-SE, PORTANTO, A NECESSIDADE DE SUPERAR OS DESEAFIOS ACERCA DA VALORIZAÇÃO DE COMUNIDADES E POVOS TRADICIONAIS
24 NO BRASIL. PARANTO, VÊ-SE QUE O MINISTÉRIO DA CIDADANIA, ÓRGÃO DE GRANDE AUTORIDADE NO QUE TANGE AS QUESTÕES
25 SOCIAIS, IMPLIMENTE, NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO, UMA GRADE CURRICULAR À RESPEITO DAS DIVERSAS ORGANIZAÇÕES
26 SOCIAIS DO PAÍS. ESSA INICIATIVA OCORRERÁ POR MEIO DA PARCERIA COM O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CONTRA-
27 RÍBUTO MONETÁRIO DO GOVERNO. TAL INICIATIVA TERÁ POR FIM O RECONHECIMENTO SOCIAL DE TODAS AS
28 COMUNIDADES TRADICIONAIS DE MANEIRA EFETIVA NO FUTURO. SOMENTE ASSIM, SERÁ ALCANÇADO UM DESENVOLVI-
29 MENTO BASEADO NO INTELLECTO DESCRITO NO EXCERTO DE "A DIVINA COMÉDIA".
30

OS01043_ID_03623516_02_L1_005_D1_KO_ENEM2210401_N02_RJ_001_G023.TXT / S: 0018439

Nota 960 - ARTHUR CUNHA DE SOUZA

C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200



Faculdade de
MEDICINA
Universidade Federal Fluminense

8. Redações

• Redação transcrita

“A sabedoria vos é dada para saber diferenciar o bem do mau.” Essa frase, retirada do livro “A Divina Comédia”, do escritor Dante Aleghiere, defende que o ser humano desenvolve seu intelecto para ser capaz de enfrentar as adversidades do cotidiano. Nessa perspectiva, é justo levantar certa discussão acerca da valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil, já que essa temática – ao enfrentar desafios de reconhecimento – desmascara o retrocesso do desenvolvimento social do país. Com efeito, é possível afirmar que esse triste cenário é fruto da herança histórica e tem como consequência a deturpação da democracia.

De início, é importante compreender que o passado histórico do Brasil potencializa a problemática. Nessa lógica, para entender tal apontamento, é válido relembrar que, durante o período colonial, muitos índios foram escravizados pelos portugueses com o intuito de gerar lucro – fato que demonstra demasiado desrespeito com as diferenças culturais. Nesse contexto, é fácil afirmar que alguns desses traços repressivos são cultivados até hoje, visto que os povos e comunidades tradicionais, a exemplo os extrativistas e os catigueiros, não desfrutam de uma equidade social, fato que pode ser comprovado quando se observa a violação dos seus territórios naturais, principalmente por latifundiários em busca de capital. Desse modo, enquanto atos de repressão cultural se manifestarem, mais povos tradicionais serão marginalizados.

Por conseguinte, engendra-se o impedimento do pleno acesso à democracia por essas comunidades violadas. Nesse âmbito, segundo Milton Santos, geógrafo brasileiro, vive-se em um contexto de “cidadanias mutiladas” no Brasil, haja vista que os direitos constitucionais não são inerentes a todos. Nesse sentido, fica evidente que a teoria do pensador se comprova na realidade tupiniquim, uma vez que as comunidades tradicionais têm seu lugar de fala – fator indispensável para o exercício da democracia – usurpado, muito por conta de serem povos minoritários, a exemplo o povo quilombola do Pará, que conta com pouco mais de 15 mil famílias apenas, para representa-los. Dessa forma, um entrave relacionado à ineficiência democrática, destrói a diversidade cultural do Brasil – já que os povos tradicionais estão sendo desconsiderados.

Nota-se, portanto, a necessidade de superar os desafios acerca da valorização de comunidades e de povos tradicionais no Brasil. Para tanto, urge que o Ministério da Cidadania, órgão de grande autoridade no que tange as questões sociais, implemente, nas instituições de ensino, uma grade curricular a respeito das diversas organizações sociais do país. Essa iniciativa ocorrerá por meio da parceria com o Ministério da Educação e contará com incentivo monetário do governo. Tal iniciativa terá por fim o reconhecimento social de todas as comunidades tradicionais de maneira efetiva no futuro. Somente assim, será alcançado um desenvolvimento baseado no intelecto descrito no excerto de “A divina comédia”.

8. Redações

• L2

O Princípio da Dignidade da Pessoa Humana prevê como dever do Estado assegurar o íntegro acesso à cidadania. Nesse âmbito, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e das Comunidades Tradicionais (PNPCT) deve garantir o reconhecimento e a preservação das diversas maneiras de organização social. Entretanto, apesar da criação de medidas de respeito a comunidades, o poder público negligencia e esmorrimenta os decretos constitucionais. Assim, tendo em vista a depreciação estatal e a alienação social frente à valorização dos povos, medidas são cruciais para que seja possível combater os discursos nacionalistas.

Primariamente, cabe ressaltar o desrespeito do governo no que tange à preservação dos povos tradicionais no Brasil. Isso porque, com virtude de um viés capitalista de repasse financeiro com a exportação de commodities, por exemplo, há o desmatamento massivo de terras pertencentes a comunidades tradicionais por mandato de membros políticos. Segundo Inga Svalert, "o Estado deve garantir o mínimo existencial como um direito fundamental", ou seja, o acesso à benefícios, como a terra, devem ser assegurados pelo poder público. Nesse sentido, é possível compreender o pensamento do jurista ao desafio na valorização de comunidades brasileiras, já que as recurrentes queimadas na Amazônia - com discursos exortando de desenvolvimento -, por exemplo, corroboram a expropriação de diversos povos tradicionais de suas terras de forma impositiva. Por consequência, tem-se a priorização da lógica de mercado sobre o direito à terra, bem como o desrespeito às comunidades residentes dos locais degradados.

Além disso, destaca-se a estereotipação dos grupos tradicionais como fator para a desvalorização das culturas diferentes do país. Isso decorre de uma construção social eurocêntrica - que molda as diversas comunidades como seres subalternos e inocentes. De acordo com Marielena Pheú, "o viés de interpretação, muitas vezes, transforma diferenças em desigualdades", isto é, a carência de conhecimento sobre outros costumes, por exemplo, acarreta a alienada percepção de inferioridade dos demais comunidades. Nesse viés, pode-se relacionar o ideal filológico à desafiante realidade de criação de estereótipos a povos tradicionais - vistos como seres à margem da sociedade -, afinal, o desrespeito popular excessivo dos hábitos alimentares e dos vestimentes e, até mesmo, da cultura de respeito à natureza por parte de ligas, extrativistas, quilombolas e indígenas gera a exclusão dessa população. Como consequência, tem-se a desvalorização dos cidadãos e o desrespeito social aos costumes.

Portanto, um viés de desleixo político e da alienação da sociedade quanto à valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil, alterações são indispensáveis. Na esfera governamental, o Ministério do Desenvolvimento Social, por intermédio da reformulação de leis de cidadania sobre os grupos inferiorizados em todo o território nacional, deve efetivar políticas de preservação e de respeito às diversas comunidades, como a PNPCT, - que minimize os interesses econômicos responsáveis pela desapropriação de povos -, com o objetivo de cumprir o decreto constitucional. Ademais, o Ministério da Educação, em parceria com secretarias estaduais e municipais de inclusão das minorias, deve criar campanhas, por meio da convocação de alguns representantes desses povos tradicionais, de cunho instrutivo - que exponham as reais realidades de comunidades inferiorizadas socialmente, com o intuito de valorizar os saberes tradicionais e minimizar a errônea interpretação das diferenças de hábitos e de costumes diversos presentes no Brasil.

Nota 980 - JULIANA GONCALVES RIBEIRO

C1: 200 C2:200 C3:180 C4:200 C5:200



UFF

Faculdade de
MEDICINA
Universidade Federal Fluminense

8. Redações

• Redação transcrita

“O Princípio da Dignidade da Pessoa Humana prevê como dever do Estado assegurar o íntegro acesso à cidadania. Nesse âmbito, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e das Comunidades Tradicionais (PNPCT) deve garantir o reconhecimento e a preservação das diversas maneiras de organização social. Entretanto, apesar da criação de medidas de respeito a comunidades, o poder público negligencia o cumprimento dos decretos constitucionais. Assim, tendo em vista a defasagem estatal e a alienação social frente à valorização dos povos, medidas são cruciais para que seja possível combater os desejos nacionais.

Primeiramente, cabe ressaltar o desrespeito do governo no que tange à preservação dos povos tradicionais no Brasil. Isso porque, em virtude de um viés capitalista de repasse financeiro com a exportação de commodities, por exemplo, há o desmatamento massivo de terras pertinentes a comunidades nacionais por mandato de membros políticos. Segundo Ingo Sarlet, "o Estado deve garantir o mínimo existencial como um direito fundamental", ou seja, o acesso à benefícios, como a terra, devem ser assegurados pelo poder público. Nesse sentido, é possível comparar o pensamento do jurista ao desafio na valorização das comunidades brasileiras, já que as recorrentes queimadas na Amazônia- com discursos errôneos de desenvolvimento-, por exemplo, corroboram a expropriação de diversos povos tradicionais de suas terras de forma impositiva. Por consequência, tem-se a priorização da lógica de mercado sobre o direito à terra, bem como o desrespeito às comunidades residentes dos locais degradados.

Além disso, destaca-se, estereotipação dos grupos tradicionais como fator para a desvalorização das culturas diferenciadas no país. Isso decorre de uma construção social eurocêntrica- que molda as diversas comunidades como seres subalternos e inocentes. De acordo com Marilena Chauí, "o vácuo de interpretação, muitas vezes, transforma diferenças em desigualdades", isto é, a carência de conhecimento sobre outros costumes, por exemplo, acarreta a alienada percepção de inferioridade das demais comunidades. Nesse viés, pode-se relacionar o ideal filosófico à desafiante realidade de criação de estereótipos a povos tradicionais- vistos como seres à margem da sociedade-, afinal, o desconhecimento popular acerca dos hábitos alimentares, das vestimentas e, até mesmo, da cultura de respeito à natureza por parte de ciganos, extrativistas, quilombolas e indígenas gera a exclusão dessa população. Como consequência, tem-se a desvalorização dos cidadãos e o desrespeito social aos costumes.

8. Redações

• Redação transcrita

Portanto, em razão do descaso político e da alienação da sociedade quanto à valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil, alterações são indispensáveis. Na esfera governamental, o Ministério do Desenvolvimento Social, por intermédio da reformulação de leis de cidadania sobre os grupos inferiorizados em todo o território nacional, deve efetivar políticas de preservação e de respeito às diversas comunidades, como a PNPCT,- que minimize os interesses econômicos responsáveis pela desapropriação de povos-, com o objetivo de cumprir o decreto constitucional. Ademais, o Ministério da Educação, em parceria com secretarias estaduais e municipais de inclusão das minorias, deve criar campanhas, por meio da convocação de alguns representantes desses povos tradicionais, de cunho instrutivo- que exponham as reais realidades de comunidades inferiorizadas socialmente, com o intuito de valorizar os saberes tradicionais e minimizar a errônea interpretação das diferenças de hábitos e de costumes diversos presentes no Brasil.”

8. Redações

• L2

1 Hannah Arendt, teórica política alemã, utilizou a expressão "banalidade do mal" para se referir à naturalização de um mal considerado
2 cotidiano e que, portanto, responsabiliza uma postura passiva e apática das autoridades estatais e da tecido civil. Nessa perspectiva, a filosofia
3 ocidental ao cunhar essa ideia, uma vez que o ^{elevado} desafio em torno da realização de comunidades e de povos tradicionais no Brasil con-
4 figura-se como um mal extremamente banalizado no território nacional. Dessa forma, a fim de elucidar maneiras de reverter esse
5 contexto hostil, é primordial explicitar os sustentáculos que alicerçam essa matriz: a emissão estatal e o preconceito enraizado.
6 Sob essa conjuntura, é imperioso destacar a inoperância governamental quanto à ineficiência legislativa. Isso ocorre porque, como já mencionado
7 pelo escritor brasileiro Gilberto Dimenstein, em sua obra "Cidadãos de Papel", a legislação brasileira, embora completa na teoria, lamentavel-
8 mente, não é concretizada no plano físico, principalmente quanto às necessidades das comunidades e dos povos tradicionais. A máxima de intelectual
9 simboliza, metaforicamente, a frágil atuação administrativa governamental, a qual não cumpre a sua função social, visto que os direitos
10 desses cidadãos, preconizados constitucionalmente, como a manutenção de suas terras e de suas culturas, não ignorados pelo poder público, eni-
11 denciando uma cidadania restrita ao papel, como enfatizada pelo pensador. Por conseguinte, essas pessoas são excluídas socialmente e, por
12 não receberem a suporte necessário para a perpetuação e a manutenção de seus costumes e de seus hábitos, há um apagamento dessas populações
13 originais brasileiras. Logo, nota-se, por dedução analítica, que a ^{inoperância} ~~inoperância~~ das esferas de poder amplifica a permanência desse ódio na
14 espectro nacional.
15 Outrossim, em paralelo à inércia estatal, é pertinente afirmar que as ideias pré-concebidas sistematizadas também impulsionam a proble-
16 mática em discussão. Acerca disso, é possível explicar essa postura deletéria coletiva a partir da perspectiva sociológica de Sérgio Buarque de
17 Holanda, em seu conceito de "legado colonial", o qual pontua que o Brasil carrega fortes traços de seu passado colonial e preconceituoso,
18 em especial quanto às populações nativas nacionais. À luz dessa lógica, depreende-se que essa herança histórica cristaliza diversos pensa-
19 mentos deturpados em relação a essas comunidades e povos ^{originais} ~~matrizes~~, e, com isso, o corpo social nutriu, ao longo de séculos, um forte despre-
20 zo pela alteridade e pela pluralidade que esses grupos minoritários trazem consigo. Isso resulta, como consequência, na desumanização
21 desses indivíduos, fomentando com que a massa não se compadecia com ^{os indivíduos} ~~os indivíduos~~ por esses cidadãos. Em suma, é inibitório que o precon-
22 ceito enraizado amplifica a continuidade desse cenário infeliz.
23 Fica evidente, portanto, que urge a necessidade de medidas para a tolerância de comunidades e de povos tradicionais no Brasil. Para tanto, co-
24 de ao Ministério Público - responsável pela defesa dos interesses sociais - denunciar ao Supremo Tribunal Federal a inoperância da gestão
25 pública nacional quanto à inaplicabilidade dos direitos desses cidadãos nativos. Isso pode ser feito por meio de uma Ação Civil Pública que levada a
26 investigações judiciais. Essa iniciativa tem como objetivo garantir que as autoridades governamentais promovam políticas eficazes de combate
27 a esse dilema. Somado a isso, as instituições de ensino - promotoras do pensamento crítico - devem, através de palestras ministradas por soció-
28 logos, estimular um maior conhecimento e desmistificar ideias enraizadas sobre esses grupos sociais, com o fito de garantir ^{a tolerância} ~~o respeito~~
29 desses ~~esses~~ indivíduos e de seus costumes. Assim, tomadas essas medidas, ^{as desigualdades} ~~as desigualdades~~ em termos ^{de} ~~de~~ enraizamento dessas comunidades e desses
30 povos tradicionais não será mais um mal banalizado ^{nacionalmente} ~~socialmente~~.

Nota 980 - LARA SALES DOS SANTOS

• C1: 200 C2:200 C3:180 C4:200 C5:200



8. Redações

• Redação transcrita

“Hannah Arendt, teórica política alemã, utilizava a expressão “Banalidade do Mal” para se referir à naturalização de um mal considerado cotidiano e que, portanto, viabilizava uma postura passiva e apática das autoridades estatais e do tecido civil. Nessa perspectiva, a filósofa acertou ao cunhar essa ideia, uma vez que o elevado desafio em torno da valorização de comunidades e de povos tradicionais no Brasil configura-se como um mal extremamente banalizado no território nacional. Dessa forma, a fim de elucidar maneiras de reverter esse contexto hostil, é primordial explicitar os sustentáculos que alicerçam essa mazela: a omissão estatal e o preconceito enraizado.

Sob essa conjectura, é imperioso destacar a improficuidade governamental quanto à ineficiência legislativa. Isso ocorre porque, como já mencionado pelo escritor brasileiro Gilberto Dimenstein, em sua obra “Cidadãos de Papel”, a legislação brasileira, embora completa na teoria, lamentavelmente, não é concretizada no plano físico, principalmente quanto às necessidades das comunidades e dos povos tradicionais. A máxima do intelectual simboliza, metaforicamente, a frágil atuação administrativa governamental, a qual não cumpre a sua função social, visto que os direitos desses cidadãos, preconizados constitucionalmente, como a manutenção de suas terras e de suas culturas, são ignorados pelo poder público, evidenciando uma cidadania restrita ao papel, como enfatizada pelo pensador. Por conseguinte, essas pessoas são excluídas socialmente e, por não receberem o suporte necessário para a perpetuação e a manutenção de seus costumes e de seus hábitos, há um apagamento dessas populações originais brasileiras. Logo, nota-se, por dedução analítica, que a inoperância das esferas de poder amplifica a permanência desse óbice no espectro nacional.

Outrossim, em paralelo à inércia estatal, é pertinente afirmar que os ideais pré-concebidos sistematizados também impulsionam a problemática em discussão. Acerca disso, é possível explicar essa postura deletéria coletiva a partir da perspectiva sociológica de Sérgio Buarque de Holanda, em seu conceito de “Legado Colonial”, o qual pontuou que o Brasil carrega fortes traços do seu passado colonial e preconceituoso, em especial quanto às populações nativas nacionais. À luz dessa lógica, depreende-se que essa herança histórica cristalizou diversos pensamentos deturpados em relação a essas comunidades e povos originais e, com isso, o corpo social nutriu, ao longo de séculos, um forte desprezo pela alteridade e pela pluralidade que esses grupos minoritários trazem consigo. Isso resulta, como consequência, na desumanização desses indivíduos, fazendo com que a massa não se compadeça com os sofrimentos vivenciados por esses cidadãos. Em suma, é indubitável que o preconceito enraizado amplifica a continuidade desse cenário infeliz.

8. Redações

- Redação transcrita

Fica evidente, portanto, que urge a necessidade de medidas para a valorização de comunidades e de povos tradicionais no Brasil. Para tanto, cabe ao Ministério Público – responsável pela defesa dos interesses sociais – denunciar ao Supremo Tribunal Federal a inoperância da gestão pública nacional quanto à inaplicabilidade dos direitos desses cidadãos nativos. Isso pode ser feito por meio de uma Ação Civil Pública que levará a investigações jurídicas. Essa iniciativa tem como objetivo garantir que as autoridades governamentais promovam políticas eficazes de combate a esse dilema. Somado a isso, as instituições de ensino – promotoras do pensamento crítico – devem, através de palestras ministradas por sociólogos, estimular um maior conhecimento e desmistificar ideias enraizadas sobre esses grupos sociais, com o fito de garantir a valorização desses indivíduos e de seus costumes. Assim, tomadas essas medidas, os desafios em torno do enaltecimento dessas comunidades e desses povos tradicionais não será mais um mal banalizado nacionalmente.”

8. Redações

• L2

A Constituição de 1988 - máximo instrumento jurídico brasileiro - traz, entre seus artigos, definições para garantir uma vida plena à população. No entanto, tal objetivo ainda não é garantido, tendo em vista a existência de desafios para a valorização das comunidades e povos tradicionais do Brasil. Desse modo, tem-se a existência de um grave problema, que se enraíza no preconceito e nos estereótipos.

Nesse âmbito, primeiramente, é necessário ressaltar a discriminação presente na questão. Sob essa ótica, Gilberto Freyre, em sua obra "Casa-Grande e Senzala", ensina que a sociedade impõe diversos padrões sociais, e quem lhes desobedece é alvo de preconceito. Nesse contexto, ao fugir do padrão social vigente, as comunidades e povos tradicionais são submetidos a uma condição discriminatória, que impede sua plena valorização, já que a visão preconceituosa não permite o completo entendimento de sua realidade. Logo, é inaceitável que isso ocorra na sociedade brasileira, pois, enquanto houver preconceito, o país não será igualitário.

Outrossim, precisa-se destacar a estereotipagem. Nesse sentido, Chimamanda Adichie, grande escritora da atualidade, alerta que os estereótipos limitam o campo de visão humana. Sob esse viés, quando sofrem com a atribuição de características preconceituosas, as comunidades e povos tradicionais são descaracterizados e, conseqüentemente, invisibilizados, uma vez que o restante da população tem seu campo de observação limitado, dificultando, ainda mais, sua valorização. Assim, é inadmissível que tal situação continue a ocorrer no Brasil, porque isso causa instabilidade social.

Portanto, são necessárias ações capazes de atenuar a problemática. Para tanto, o governo federal - responsável por garantir o bem-estar social - deve, por meio dos canais de comunicação, como a internet e a televisão, divulgar a realidade diária dos povos e comunidades tradicionais, com o fito de aproximar sua vivência da população em geral, diminuindo o preconceito. Paralelamente, deve-se intervir sobre a estereotipagem. Com essas ações, o Brasil será mais justo e igualitário, como objetiva a Constituição Cidadã.

Nota 920 - MICHEL FIGUEIREDO DE BARROS

C1:160 C2:200 C3:180 C4:180 C5:200



Faculdade de
MEDICINA
Universidade Federal Fluminense

8. Redações

• Redação transcrita

“A Constituição Federal de 1988 - máximo instrumento jurídico brasileiro - traz, entre seus artigos, definições para garantir vida plena à população. No entanto, tal objetivo ainda não é propriamente garantido, tendo em vista a existência de desafios para a valorização das comunidades e povos tradicionais do Brasil. Desse modo, tem-se a existência de um grave problema, que se enraíza no preconceito e nos estereótipos.

Nesse âmbito, primeiramente, é necessário ressaltar a discriminação presente na questão. Sob essa ótica, Gilberto Freyre, em sua obra "Casa-Grande e Senzala", ensina que a sociedade impõe diversos padrões sociais, e quem lhes desobedece é alvo de preconceito. Nesse contexto, ao fugir do padrão social vigente, as comunidades e povos tradicionais são sujeitados a uma condição discriminatória, que impede sua plena valorização, já que a visão preconceituosa não permite o completo entendimento de sua realidade. Logo, é inaceitável que isso perdure na sociedade brasileira, pois, enquanto houver preconceito, o país não será igualitário.

Outrossim, precisa-se destacar a estereotipação. Nesse sentido, Chimamanda Adichie, grande escritora da atualidade, alerta que os estereótipos limitam o campo de visão humano. Sob esse viés, quando sofrem com a atribuição de características preconceituosas, as comunidades e povos tradicionais são descaracterizados e, conseqüentemente, invisibilizados, uma vez que o restante da população tem seu campo de observação limitado, dificultando, ainda mais, sua valorização. Assim, é inadmissível que tal situação continue a ocorrer no Brasil, porque isso causa instabilidade social.

Portanto, são necessárias ações capazes de atenuar a problemática. Para tanto, o governo federal - responsável por garantir o bem-estar social - deve, por meio dos canais de comunicação, como a internet e a televisão, divulgar a realidade diária dos povos e comunidades tradicionais, com o fito de aproximar sua vivência da população em geral, diminuindo o preconceito. Paralelamente, deve-se intervir sobre a estereotipação. Com essas ações, o Brasil será mais justo e igualitário, como objetiva a Constituição Cidadã.”

8. Redações

• L6

1 A constituição federal de 1988, documento jurídico mais importante do país, em seu
2 artigo 5º, confere o direito a igualdade social como inerente a todo cidadão brasilei-
3 ro. Conquanto, tal prerrogativa não tem se reverberado com ênfase na prática quan-
4 do se observa a valorização das comunidades e povos tradicionais, dificultando, des-
5 se modo, a universalização desse direito social tão importante. Diante dessa pers-
6 pectiva, faz-se imperiosa a análise dos fatores que favorecem esse quadro.

7 Em uma primeira análise, deve-se ressaltar a carência de medidas governa-
8 mentais para promover a valorização das comunidades tradicionais. Nesse sentido,
9 apesar de há muito tempo configurar um expressante número de pessoas representa-
10 das em diversas regiões do Brasil, de acordo com dados oficiais do governo, apenas
11 em 2007 que foi criada uma política nacional sólida que busca reconhecer e pre-
12 servar outras formas de organização social. Essa conjuntura, segundo as ideias do fi-
13 losófo contratualista John Locke, configura-se como uma violação do "contrato social" já que
14 ~~o~~ o estado não cumpre sua função de garantir que os cidadãos disfrutem de direitos
15 sociais indispensáveis, como a igualdade, o que infelizmente é evidente no país.

16 Ademais, é fundamental apontar a dificuldade de se localizar e reconhecer a exis-
17 tência dos povos tradicionais como impulsionador da falta de valorização dessas co-
18 munidades no Brasil. Segundo o site "G1", atualmente existem 66 povos tradiciona-
19 is que estão incluídos na legislação, mas ainda existem muitos que permanecem in-
20 visíveis. Diante de tal exposto, é possível inferir que a identificação e localização desses
21 cidadãos é uma grande dificuldade que impede a sua inclusão social, logo é inad-
22 missível que esse cenário continue a perdurar.

23 Depreende-se, portanto, a necessidade de se combater esses obstáculos. Para isso,
24 é imprescindível que o governo federal junto ao Ministério do desenvolvimento social
25 e ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, por intermédio de investi-
26 mentos e políticas nacionais, promovam pesquisas de censo mais abrangentes
27 e minuciosas, além de projetos sociais de cadastramento e inclusão - assim os recen-
28 seadores poderão identificar os povos desvalorizados a fim de que o estado possa inclui-
29 -los na legislação. Assim, se consolidará uma sociedade mais igualitária, onde o esta-
30 do desempenha corretamente o seu "contrato social", tal como afirma John Locke.

Nota 980 - CARLOS EDUARDO XAVIER DE
ALCANTARA

C1: 180 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

8. Redações

• Redação transcrita

“A Constituição Federal de 1988, documento jurídico mais importante do país, em seu artigo 5º, confere o direito a igualdade social como inerente a todo cidadão brasileiro. Conquanto, tal prerrogativa não tem se reverberado com ênfase na prática quando se observa a valorização das comunidades e povos tradicionais, dificultando, desse modo, a universalização desse direito social tão importante. Diante dessa perspectiva, faz-se imperiosa a análise dos fatores que favorecem esse quadro.

Em uma primeira análise, deve-se ressaltar a carência de medidas governamentais para promover a valorização das comunidades tradicionais. Nesse sentido, apesar de há muito tempo configurar um expressante número de pessoas representadas em diversas regiões do Brasil, de acordo com dados oficiais do governo, apenas em 2007 que foi criada uma política nacional sólida que busca reconhecer e preservar outras formas de organização social. Essa conjuntura, segundo os ideais do filósofo contratualista John Locke, configura-se como uma violação do “contrato social”, já que o Estado não cumpre sua função de garantir que os cidadãos disfrutem de direitos sociais indispensáveis, como a igualdade, o que infelizmente é evidente no país.

Ademais, é fundamental apontar a dificuldade de se localizar e reconhecer a existência dos povos tradicionais como impulsionador da falta de valorização dessas comunidades no Brasil. Segundo o site “G1”, atualmente existem 26 povos tradicionais que estão inclusos na legislação, mas ainda existem muitos que permanecem invisíveis. Diante de tal exposto, é possível inferir que a identificação e localização desses cidadãos é uma grande dificuldade que impede a sua inclusão social. Logo, é inadmissível que esse cenário continue a perdurar.

Depreende-se, portanto, a necessidade de se combater esses obstáculos. Para isso, é imprescindível que o Governo Federal junto ao Ministério do Desenvolvimento Social e ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, por intermédio de investimentos e políticas nacionais, promovam pesquisas de censo mais abrangentes e minuciosas, além de projetos sociais de cadastramento e inclusão – assim os recenseadores poderão identificar os povos desvalorizados, a fim de que o Estado possa inclui-los na legislação. Assim, se consolidará uma sociedade mais igualitária, em que o estado desempenha corretamente o seu “contrato social”, tal como afirma John Locke.”

8. Redações

• L6

1 A obra "Abaporu" da artista brasileira Tarsila do Amaral, retrata um ser cujo os membros
2 se encontram desproporcionais, com ênfase na cabeça atrofada. De forma análoga, os brasileiros
3 permaneceram com sua capacidade de discernimento diminuída, submetido no que tange a não
4 valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil. Estes, que ainda enfrentam significantes
5 desafios, sofrem com a irracionalidade da sociedade e respeito de uma importância e o persistente
6 desrespeito do poder público. Problemática essa, digna de discussão.

7 Diante desse cenário, é notório que as deficiências que tais indivíduos enfrentam a respeito
8 da sua importância, decorrem da ignorância humana, submetido de próprios cidadãos tupiniquim. Na
9 sua perspectiva, o filósofo francês Jacques Bénigne Bossuet declara que "a irracionalidade é
10 ~~uma~~ a raiz de todas as enfermidades". Sob essa ótica, é evidente a chaga intelectual da po-
11 pulação, que age de maneira irracional ao desprezar os símbolos vivos da própria cultura,
12 os quais possuem papéis fundamentais na preservação de nosso patrimônio identitário e natural,
13 como a Amazônia. A título de exemplo dessa lamentável realidade, tem-se que segundo o jornal
14 Folha de São Paulo, houve um aumento recorde nos últimos anos de casos de violência à pessoas in-
15 dígenas, principalmente na região centro-oeste do país. Fato esse, que converge com a representa-
16 ção de Tarsila, a qual confirma as deficiências reflexivas dos brasileiros.

17 Além disso, percebe-se a constante negligência dos órgãos de gestão pública em valorizar
18 estes grupos ~~constantemente~~ ^{comumente} magelados. Ademais, o que está afirmado na Constituição Federal
19 como dever do Estado em proteger os povos indígenas e originários, é constantemente desrespeito
20 do. Desrespeito esse, demonstrado nas intensas discussões a respeito dos marcos temporais de ter-
21 ras, em que a agronegócio é notoriamente privilegiada em detrimento das comunidades
22 tradicionais. Logo, torna-se ^{imperiosa} ~~importante~~ a mudança de tais ações, a fim de cumprir com a
23 legislação vigente.

24 Portanto, há de se criarem estratégias que refreiem o desrespeito para a valorização de comuni-
25 dades e povos tradicionais no Brasil. Com isso, o Governo federal - órgão de máxima gestão em terri-
26 tório nacional - deve criar um programa de conscientização, em que destaque a importância
27 destes indivíduos para com a riqueza da nação. Essa ação pode ser feita por meio da ampla
28 divulgação publicitária, como banners e pôsteres, com temáticas sobre respeito. Não somente, o
29 mesmo órgão deve reforçar os direitos constitucionais a esses povos, garantindo dessa for-
30 ma a proteção e preservação desse tesouro vivo da nossa cultura.

OS01043_ID_04583942_04_LT_004_D1_K0_ENEM2210401_N02_GO_001.TXT/S: 0006556



uff

Faculdade de
MEDICINA
Universidade Federal Fluminense

Nota 960 - SIYMON BISPO DOS SANTOS

C1: 180 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

8. Redações

• Redação transcrita

“A obra "Abaporu" da artista brasileira Tarsila do Amaral, retrata um ser cujos membros se encontra um desproporcionais com ênfase na cabeça atrofiada. De forma análoga, os brasileiros permanece com sua capacidade de discernimento diminuída, sobretudo no que tange à não valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil. Esses, que ainda enfrento significativos desafios, sofrem com a irracionalidade da sociedade a respeito de sua importância e o persistente descaso do poder público. Problemática essa, digna de discussão. Diante desse cenário, é notório que as dificuldades que tais indivíduos enfrentam a respeito da sua importância, decorrem da ignorância humana, sobretudo do próprio cidadão tupiniquim. Nessa perspectiva, o filósofo francês Jacques Bénigne Bossuet declara que "a Irracionalidade é a raiz de todas as enfermidades". Sob essa óptica, é evidente a chaga intelectual da população, que age de maneira irracional ao desprezar os símbolos vivos da própria cultura, os quais possuem papéis fundamentais na preservação do nosso patrimônio identitário e natural, como a Amazônia. A título de exemplo dessa lamentável realidade, tem-se que segundo o jornal Folha de São Paulo, houve um aumento recorde nos últimos anos de casos de violência às pessoas indígenas, principalmente na região Centro-oeste do país. Fato esse, que converge com a representação de Tarsila, o qual confirma a deficiência reflexiva dos brasileiros. Além disso, percebe-se constante negligência dos órgãos de gestão pública em valorizar estes grupos comumente mazeados. Ademais, o que está afiançado na Constituição Federal como dever do Estado em proteger os povos originários, é constantemente desrespeitado. Descaso esse, demonstrado nas intensas discussões a respeito dos marcos temporais de terras, em que o agronegócio é notoriamente privilegiado em detrimento das comunidades tradicionais. Logo, torna-se imperiosa a mudança de tais ações, a fim de cumprir com a legislação vigente. Portanto, há de se criarem estratégias que refreiem os desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil. Com isso, o governo federal - órgão de máxima gestão em território nacional - deve criar um programa de conscientização, em que destaque a importância destes indivíduos para com a riqueza da nação. Essa ação poderá ser feita por meio da ampla divulgação publicitária, como banners e posters, com temáticas sobre respeito. Não somente, o mesmo órgão deve reforçar os direitos constitucionais a estes povos, garantindo dessa forma a proteção e preservação desse tesouro vivo da nossa cultura.”

8. Redações

• L6

O processo de colonização do Brasil deu-se de forma invasiva e exploratória. Nesse cenário, a chegada dos portugueses foi marcada pela morte e pela violência contra milhares de indivíduos que formavam os povos originários dessa terra. Diante disso, é possível afirmar que a desvalorização de etnia nativas é uma herança do passado refletida negativamente no contexto hediondo da sociedade. Nesse sentido, é absolutamente necessário analisar os agentes contribuintes para os desafios da valorização dos povos originários no Brasil. A ^{no que tange}impostura estatal ~~metamorfose~~ a proteção desses povos e o silenciamento midiático. Sob esse viés analítico, é evidente que o Estado é estético no que diz respeito a ações afirmativas que contemplem os grupos étnicos nativos. Nesse sentido, pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) afirmam que a maior parte dessa esfera populacional ^{está concentrada} ~~concentra-se~~ em regiões não urbanizadas, as quais são alvo da expansão do agronegócio. Nesse contexto, existem divergências de interesse entre o mercado agrário e ^{as} instituições de preservação e proteção desses indivíduos e suas respectivas culturas. Desse modo, fica óbvio que a ^{no que diz}megalomania governamental ~~em~~ ^{respeito a} combater essas divergências é um fator contribuinte para o agravamento do entrave. Além disso, vale ressaltar que o silenciamento midiático é determinante para a perpetuação do problema. Sob esse ótica, Steve Jobs - figura de destaque no ^{tecnológico} ~~curso da tecnologia~~ - afirmou que a tecnologia move o mundo. Nesse prisma, as mídias sociais são capazes não somente de moldar o pensamento contemporâneo mas também de movimentar ^{massas} ~~uma~~ em prol de uma causa. Assim, é evidente que a ausência da mídia em relação à valorização de povos originários também corrobora para o avanço da problemática. Urgem, portanto, medidas que venham combater esse questão. Cabe, então, aos veículos midiáticos, como jornais e telejornais - responsáveis por divulgar questões relevantes para a população - conscientizar a nação acerca da importância de valorizar povos originários, através de propagandas marcadoras no âmbito de canais televisivos e com a finalidade de garantir a sobrevivência de cultura dessas etnias. Cabe também ao Estado, delimitar mais áreas de preservação dessa diversidade, e fim de que o avanço do agronegócio não interfira na terra estar dos povos. Somente assim, o Brasil Caminhará para deter os desafios de valorização dos povos originários.

Nota 940 - ANA CAROLINA ALMEIDA
CARVALHO SAUL



uff

Faculdade de
MEDICINA
Universidade Federal Fluminense

8. Redações

• Redação transcrita

“O processo de colonização do Brasil deu-se de forma invasiva e exploratória. Nesse cenário, a chegada dos portugueses foi marcada pela morte e pela violência contra milhares de indivíduos que formavam os povos originários dessa terra. Diante disso, é possível afirmar que a desvalorização de etnias nativas é uma herança do passado refletida negativamente no contexto hodierno da sociedade. Dessa forma, é absolutamente necessário analisar os agentes contribuintes para os desafios da valorização dos povos originários no Brasil: A inoperância estatal, no que tange a proteção desses povos, e o silenciamento midiático.

Sob esse viés analítico, é evidente que o Estado é estático no que diz respeito a ações afirmativas que contemplem os grupos étnicos nativos. Nesse sentido, pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) afirmam que a maior parte dessa esfera populacional está concentrada em regiões não urbanizadas, os quais são alvos da expansão do agronegócio. Nesse contexto, existem divergências de interesse entre o mercado agrário e as instituições de preservação e proteção desses indivíduos e suas respectivas culturas. Desse modo, faz-se óbvio que a negligência governamental, no que diz respeito a conter essas divergências é um fator contribuinte para o agravamento do entrave.

Além disso, vale ressaltar que o silenciamento midiático é determinante para a perpetuação do problema. Sob essa ótica, Steve Jobs – figura de destaque no eixo tecnológico – afirmava que a tecnologia move o mundo. Nesse prisma, as mídias sociais são capazes, não somente de moldar o pensamento contemporâneo, mas também de movimentar massas em prol de uma causa. Assim, é evidente que a ausência da mídia em relação à valorização de povos originários também contribui para o avanço da problemática.

Urgem, portanto, medidas que venham combater essa questão. Cabe, então, aos veículos midiáticos, como jornais e telejornais – responsáveis por divulgar questões relevantes para a população – conscientizar a nação acerca da importância de valorizar povos originários, através de propagandas nos horários nobres de canais televisivos e com a finalidade de garantir relevância da cultura dessas etnias. Cabe, também, ao Estado, delimitar mais áreas de preservação dessa sociodiversidade, a fim de que o avanço do agronegócio não interfira no bem-estar desses povos. Somente assim, o Brasil caminhará para deter os desafios da valorização dos povos originários.”

9. Depoimentos



Meu nome é Juliana, tenho 23 anos e sim foram 6 longos anos para conquistar a tão sonhada aprovação na federal. "Ah, mas porque não tenta outro curso? Você já poderia estar se formando". Essa foi uma das frases que eu mais escutei durante esse processo, mas não fazia nada que me fizesse desistir do meu sonho: a medicina. Meu avô era médico e desde criança eu sonhava em ser também. Era muito emocionante ver como ele era capaz de salvar vidas, logo o tempo e o amadurecimento me fizeram querer ainda mais. Eles eram meus maiores motivadores. Com o tempo eles se tornaram meus "pacientes". Infelizmente, os perdi às vésperas da prova do ENEM e eles não puderam comemorar essa aprovação comigo em vida. Esse foi o ano em que fui aprovada em uma outra faculdade com bolsa integral em São Paulo. Quem diria que a dor fosse me dar o gás que eu precisava, agora a luta era por mim e por eles. Entretanto, sabendo do meu foco final, fiz mais uma prova do ENEM e felizmente veio a aprovação na federal. Conto essa história de vida, pois sei que muitas das motivações na medicina podem estar ligadas à família, sejam por momentos de inspiração, sejam por lutas. Eu lia muitos depoimentos relacionados e isso me motivava. O sonho nunca deve ser apagado por comentários alheios se você sabe certamente qual seu objetivo profissional. Digo, então, que, mesmo que demore anos, nunca desistam. A luta é árdua, os caminhos podem ser muito diferentes do que se pensou, mas o destino é sempre o melhor, acredite! O caminho é o melhor passo para o aprendizado não só de conteúdo, mas de vida. Foram muitas lágrimas, sentimentos de incapacidade durante a preparação, mas a sensação aqui do outro lado é de dever cumprido e de gratidão, pois tudo ocorreu como deveria ser. Lembrando que qualquer coisa que precisarem eu estarei aqui para ajudá-los. Espero você aqui na MedUFF também para desfrutar de tudo que essa universidade tem a oferecer

Juliana Gonçalves

9. Depoimentos



Olá! Como acontece com muitas pessoas, minha história até passar em Medicina foi uma longa trajetória. No Ensino Médio, eu tinha vergonha de dizer que queria esse curso porque sabia que era muito difícil de passar e minhas notas nunca foram as melhores da turma. Então, eu realmente só fui decidir que queria isso mesmo e encarar as consequências de ser vestibulanda de Medicina no 3º ano de Ensino Médio, mas para passar assim direto da escola para a faculdade, eu teria que ter um desempenho no enem que estava bem longe da minha realidade. A Gabriela que entrou no pré vestibular em 2019 não sabia que ficaria 4 anos e meio tentando, na verdade, ela sempre achava loucura quem tentava tanto tempo e não tinha conseguido passar antes... E aconteceu, né? Hahahahah Só quem tenta vários anos sabe a frustração que é ter que passar por tudo de novo no ano seguinte, ter que avisar aos amigos e familiares que não foi dessa vez... Enquanto estamos vivendo o pré vestibular parece que vai durar eternamente, sabemos que são muitas dúvidas que surgem na nossa cabeça nesse momento, como a grande questão se somos capazes de passar nesse concurso que tantas outras pessoas também querem e merecem, se um dia realmente conseguiremos alcançar nossos sonhos... Enfim, são MUITAS questões e vocês sabem disso! Mas vou contar um spoiler que vocês vão perceber durante a faculdade de medicina (espero que na UFF ☺), TODOS somos capazes de sermos aprovados! Confie no merecimento, na vontade e no esforço que vocês tiveram ao longo da trajetória! A tão esperada hora vai chegar para todos!! Não tratem como concorrentes seus colegas do pré vestibular, vocês precisam se ajudar e se apoiar porque juntos são mais fortes! Depois que isso tudo tiver passado, vocês vão lembrar dessas amizades tão importantes durante os momentos de incerteza, vão ver que por mais que a trajetória seja longa, vai valer MUITO a pena no final! O final feliz sempre existe pra quem não desiste! Eu faria TUDO de novo! Eu sempre tive a MEDUFF como primeira opção e estou muito realizada hoje aqui! Caso precisem de qualquer coisa, estou aqui para ajudar e será um prazer!!! Estamos ansiosos esperando vocês ATENÇÃO LEÕES DA UFFÊ!

Gabriela Sardella

9. Depoimentos



Oioi futuros Baby Lions!! Me chamo Carol e tenho 20 anos, quase 21.. minha trajetória até a medicina foi um pouco diferente.. Desde criança lembro que querer a área da saúde, e desde os meus 12 anos por aí estava decidido que seria medicina. Mas aí entrei no ensino médio e descobri a realidade, eu, numa família sem recursos financeiros para particular e vendo a realidade do vestibulando me assustei demais para ousar tentar.. Assim que sai do ensino passei para arquitetura na federal da minha cidade mas logo começou a pandemia e não pude cursar, passei o ano de 2020 agoniada sabendo que não estava fazendo o que eu queria e então decidi tentar psicologia.. foi só em abril de 2021, no dia em que descobri que tinha passado para psicologia, que eu tive coragem de falar para a minha mãe que queria fazer cursinho e tentar medicina.. Não fazia ideia de por onde começar e pra ser sincera, o primeiro ano foi um ano perdido.. assinei o descomplica e não consegui nem estudar para falar a verdade.. Eu estava passando por um período muito tenso mentalmente e não tinha forças para estudar, a pressão do vestibular contribuiu para o agravamento da ansiedade mas não foi o único motivo.. naquele período perdi peso, apetite, cabelo.. e quando percebi que já era setembro e eu ainda não tinha feito sequer um simulado nem estudado nada nada nada, entrei em desespero e vi que o online não seria o caminho pra mim.. com a minha psicóloga decidimos que o melhor era fazer um cursinho presencial mesmo não houvesse cursinhos fortes na minha cidade, pq mentalmente seria insustentável passar mais um ano presa no quarto.. o resultado do enem no ano que n estudei foi deprimente mas me fez ter muito sangue nos olhos para ter uma postura diferente no ano seguinte. Dito e feito, entrei no presencial e desde o primeiro dia me dediquei como se não houvesse amanhã.. demorei para fazer amizades pois não queria saber de nada além de estudar.. mergulhei de cabeça na jornada acreditando que passaria.. Passei por muitos problemas quando minha mãe ficou hospitalizada, foram dois meses perdendo aulas chegando atrasada e saindo mais cedo, sem conseguir estudar em casa e sentindo que tudo daria errado.. e aqui vem a parte mais importante desse depoimento, se você sente que vai dar tudo errado pois a vida não te deixou dedicar 100% do seu tempo, calma! Dedique 100% do que você pode! Quando minha mãe melhorou eu tive que correr atrás da matéria com estratégia e graças a Deus deu tudo certo! Mesmo lidando com muitas coisas a aprovação veio num ano em que meu próprio professor havia dito que eu deveria sair do cursinho para ajudar em casa já que seria impossível me concentrar naquela situação.. eu não fiz isso, não desista, vai valer a pena no final!! Prossegui e ingressei na UFF que é a faculdade DOS SONHOS! Ser leão da Uff é um privilégio absurdo! Essa faculdade te abraça como nenhuma outra consegue! Eu enfrentaria tudo dnv pq não me arrependo nenhum pouco, hoje sinto que vivo exatamente a vida que eu queria viver, numa cidade maravilhosa e na MAIOR DO RIO! É impossível se arrepender de ser MED UFF

Ana Carolina Saul

9. Depoimentos



Quando decidi tentar medicina, não tinha noção do tamanho da dificuldade que era ser aprovada numa universidade pública. Nos primeiros anos, estudei de forma errada e inconsequente, sem respeitar minha saúde mental e com a mentalidade de que minha vida só "andaria" quando eu estivesse na faculdade. Resultado: psicológico extremamente fragilizado, que piorava à medida que eu ia batendo na trave nos vestibulares. Me via cada vez mais distante de conseguir realizar meu sonho e me sentia velha para continuar tentando. Várias vezes me questionava se seria capaz de ser aprovada. Decidi permanecer persistindo, em meio às dificuldades e após 5 anos de cursinho, e o resultado veio: a aprovação na minha tão sonhada UFF. Cada dia que entro no campus, sinto que estou sonhando, é um sentimento surreal de gratidão, realização e vitória. Venci meu maior adversário: eu mesma. Por isso, caro vestibulando, digo com toda certeza: vale a pena persistir! Não se apegue aos anos de cursinho, às "quase" aprovações e aos resultados ruins nos simulados. Vai valer a pena, te garanto!

Mariana Almeida

9. Depoimentos



Durante 4 longos anos estive naquele momento da nossa vida que todo mundo considera como um limbo, que temos vergonha de falar que somos vestibulandos e vendo meus amigos de outros cursos já na faculdade, falando sobre estágio, quase terminando, enquanto eu estava estagnada desde o ensino médio. Não vou mentir e dizer que foi fácil porque não foi, foram 4 anos de muita dedicação, frustrações, inseguranças, choros e paciência ao aguentar todos comentários de gente dando pitaco sobre o que você deveria fazer da vida. Por mais que as vezes a gente duvide de si mesmo, me agarrei em uma rede de apoio que me colocava pra cima e segui em frente apesar de tudo. Bati na trave algumas vezes, me reergui e hoje posso dizer que tudo valeu a pena e aconteceu do jeito e no momento certo. Confesso que a UFF não era minha primeira opção, mas assim que comecei a conhecer a faculdade me apaixonei. O fato da UFF ser uma faculdade extremamente humanizada me encantou demais, as pessoas são maravilhosas, você entra se sentindo parte dela e sendo acolhido da melhor forma possível. Agora posso dizer também que esses 4 anos de “limbo” me fizeram adquirir uma maturidade necessária pra enfrentar tudo o que vem pela frente, acreditar mais em mim mesma, acreditar no processo. Nesse período, coloquei uma certeza na cabeça que era que um dia eu conseguiria minha desejada aprovação, a não ser que eu desistisse. Então o que eu queria passar para os meus futuros calouros que talvez não consigam entrar nesse sisu agora é que vai acontecer, a aprovação vem e nós não controlamos quando e nem como, só podemos fazer a nossa parte, continuem nessa jornada, porque no final tudo tem um sentido e vale muito a pena. E aos meus futuros calouros 2023.2, venham pra família UFF porque vocês vão se apaixonar assim como eu me apaixonei, vocês serão muito bem recebidos e boa sorte nessa nova jornada ♥

Maria Carolina Moneró

9. Depoimentos



Oi, futuros baby lions! Eu sou a Vanessa e venho de Cabo Frio-RJ. Quando eu era pequena, meu primo me deu um atlas do corpo humano e eu adorava demais aquele livro. Um tempo depois, ele passou para medicina numa outra federal do RJ e, toda vez que eu o visitava, fazia questão de pegar alguns de seus livros para tentar aprender algo. Desde então, nunca tive dúvidas de que queria seguir pelo mesmo caminho. Hoje, aos 22 anos, posso dizer que finalmente consegui, não exatamente o mesmo, mas está sendo melhor do que eu poderia imaginar. Não foi nem um pouco fácil chegar aqui, uma vaga numa federal do RJ parecia algo tão distante, quase que inalcançável. Fiquei 4 anos estudando em cursinhos, praticamente não fazia outra coisa além de estudar, bati na trave algumas vezes, incluindo uma que fiquei literalmente por 1 questão, mas valeu muito a pena no final. Sabem qual o meu único arrependimento? Nunca ter colocado a UFF na minha lista de faculdades dos sonhos! Então, acreditem em si mesmos e venham para a UFF, vai ser a melhor escolha de vocês!

Vanessa Moraes

9. Depoimentos



Olá futuros filhotes!!! Já treinem as patinhas de vocês pq a partir do momento que vocês conhecerem a UFF, não tem como escolher nada além dela! Meu nome é Helena, tenho 20 anos e tive que batalhar por 3 longos anos para conseguir a minha tão sonhada vaga. Eu fiz meu último ano no ensino médio e me formei em um colégio fora do país e, quando voltei para o Brasil, estava com todo o gás para cair de cabeça nos estudos, mas, como nem tudo são flores, uma tal de pandemia resolveu aparecer e tudo virou de cabeça para baixo. Ter que estudar online com o medo constante de sair de casa e de que alguém próximo a você pegasse covid foi uma das piores experiências da minha vida. O meu primeiro enem foi no auge desse caos e, sinceramente, que “tistreza”. Mas o meu péssimo desempenho foi culpa da pandemia, não foi pq eu não sou capaz de passar para medicina, né? Né? Era isso que eu me perguntava todos os dias enquanto eu estudava mais um ano tentando me manter motivada. Mais um fracasso. Eu passava em tudo, menos no meu sonho. Que vontade de arrancar os cabelos e desistir de tudo, de fazer qualquer outra coisa! Mas eu sabia q fazer qualquer outra coisa nunca me faria feliz. E olha onde eu cheguei! Olha onde vocês podem chegar! Tudo é possível galerinha! Não desistam dos seus sonhos! É difícil? MUITO! Mas vocês são capazes! Mal posso esperar para receber vocês!! Voem baby lions!!! ♥

Helena Cerveira ♥

9. Depoimentos



Fala rapaziada! Meu nome é Bruno, tenho 20 anos e sou de Juiz de Fora - MG. Eu me formei em 2019 e desde então tentei o Enem na expectativa de conseguir uma vaga em uma boa federal em praticamente qualquer lugar (principalmente no sudeste). Eu posso falar por mim q a UFF me surpreendeu bastante uma vez que eu nem sabia onde era a faculdade e qual é a pronúncia certa dela kkkkk. Tive nota para passar em outras universidades em MG porém eram em universidades menores que a UFF e com menos história sabe, então eu optei para vir morar em Niterói, mesmo com o medo de morar em alguma cidade do RJ, e não me arrependo nenhum pouco, a cidade em si (pelo menos o que eu vi até agr) é tranquila, logicamente que o lugar que eu moro também me dá uma segurança maior (moro em Icaraí), querendo ou não o preço das coisas aq, na minha opinião, são mais caros e a locomoção para a faculdade é tranquila tb (no começo você pode até pensar que vai se perder mas é tranquilo). Em relação ao Enem, eu não tinha esperança de passar em nenhuma faculdade nessa minha última tentativa, a quantidade de acertos foram menores que a de outros anos, então eu já dava como certo que não teria como entrar, então eu posso falar que não adianta depois da prova tentar adivinhar qual será sua nota ao comportar seus acertos com o de pessoas que passaram em outros anos, depois que acabou o segundo dia o máximo que você pode fazer é descansar e esperar o Sisu chegar, não adianta ficar sofrendo de forma antecipada tlgd. Então é isso, espero ver vocês daqui a pouco no próximo semestre galera!

Bruno Vilela

9. Depoimentos



Oi gente! Meu nome é Michel, tenho 19 anos (daqui a pouco faço 20) e estudo medicina na UFF. Adoro falar essa frase, porque foi tão difícil chegar aqui, e agora poder falar isso com propriedade dá um orgulho e tanto! Eu venho do interior do estado do Rio (na verdade ainda moro lá), uma cidade pequena chamada Silva Jardim. Eu estudei em escola pública a minha vida inteira, e acho que todo mundo que também é da rede pública sabe que só com a escola é muito difícil de passar em medicina, e desde que eu decidi que queria fazer esse curso, lá no final do meu primeiro ano do ensino médio, eu sabia disso. Nem eu nem minha família tinha condições de pagar aqueles cursinhos super caros e, até passar, eu tive que estudar durante 3 anos focando no Enem. O primeiro desses anos foi em 2020, no meu 2º ano do ensino médio, logo na pandemia. O COVID frustrou todos os meus planos, tanto da vida pessoal quanto de estudos pro Enem. Tive que estudar completamente online, sem as aulas extras que eu e meus amigos teríamos com nossos professores da escola para nos ajudar na preparação para o Enem, mas até que me adaptei bem. A parte ruim foi mais em relação a minha saúde psicológica, que senti piorar cada vez mais quanto mais tempo eu ficava isolado. Hoje em dia lido bem com essas questões, mas na época elas me deixavam muito inseguro. Enfim, infelizmente, nesse começo, eu não sabia estudar direito, e tanto em 2020 quanto em 2021 eu não estudei da maneira mais eficiente possível, e não obtive nota o suficiente para passar. O Enem 2020 eu fiz como treineiro e, por mais que a minha nota estivesse bem longe, eu ainda tinha esperanças de que pudesse alcançar minha meta em um ano. No Enem 2021 ainda não alcancei minha nota, embora tivesse tirado uma nota maior. Com uma pequena (talvez bem grande) tristeza que tive nesse ano, percebi que tinha que mudar alguma coisa, senão ficaria estagnado nessa nota por muito tempo, o que eu não tinha. Então, em 2022, eu decidi mudar meu método, e adotei o estudo por questões. Minha nota deu um salto inacreditável, e finalmente consegui passar! Conteí toda essa história porque talvez ela possa inspirar você, que também vem do interior, que talvez não tenha a condição financeira mais favorável a também tentar. O caminho não é fácil, mas depois que a gente chega aqui percebemos que tudo vale a pena. Continuem tentando, sem desistir, que nós estaremos esperando por vocês! Vocês vão amar a MedUFF, assim como eu amo agora. Não desistam, porque vai dar certo!

Michel Figueiredo

10. Carta à comunidade LGBTQIAPN+

Ao decidir embarcar em um curso tão tradicional como Medicina, é compreensível que surjam preocupações e receios, especialmente se você pertencer a um grupo que historicamente enfrentou estereótipos, discriminação e marginalização. No entanto, gostaríamos de afirmar que você é bem-vindo e valorizado aqui. Queremos aproveitar esta oportunidade para falar diretamente com você, membro da comunidade LGBTQIAPN+. Embora seja impossível garantir que qualquer ambiente seja totalmente livre de preconceitos, queremos assegurar que você será acolhido e aceito por nós. Independentemente da sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, nós estamos aqui para apoiá-lo e criar um espaço inclusivo para todes. É um momento marcante, pois a Faculdade de Medicina da UFF possui uma presença significativa de pessoas como nós, LGBTQIAPN+, o que fortalece nossa rede de apoio e cria um ambiente mais seguro para sermos autênticos e verdadeiros em nossa jornada acadêmica. Portanto, se alguma vez você sentiu medo ou hesitou em imaginar-se neste ambiente universitário, convidamos você a juntar-se a nós para construir uma medicina mais diversa, inclusiva e acolhedora. Estamos aqui para tornar essa jornada mais colorida, quebrando barreiras e promovendo a igualdade de oportunidades para todes.

Vamos juntos criar um futuro onde todes tenham espaço para brilhar e contribuir de forma única e valiosa para a área da saúde.



11. Ingresso na UFF

O ingresso na UFF é feito por meio do SISU com a nota do ENEM

Termo de Adesão 1ª edição de 2022										
12692 - MEDICINA										
Código: 12692 Grau: Bacharelado Turno: Integral (Matutino/Vespertino/Noturno) Periodicidade: Semestral Integralização: 12 Vagas autorizadas: 180 Vagas ofertadas no SisU: 90 vagas, sendo 90 vagas no 1º semestre e 0 vagas no 2º semestre. Percentual de vagas reservadas da Lei nº 12.711/2012: 50%					Prova do Enem		Peso		Nota mínima	
					Redação		3,00		300,00	
					Ciências da Natureza e suas Tecnologias		3,00		350,00	
					Ciências Humanas e suas Tecnologias		1,00		300,00	
					Linguagens, Códigos e suas Tecnologias		2,00		300,00	
					Matemática e suas Tecnologias		1,00		300,00	
					Média mínima no Enem		-		0,01	
					PERCENTUAIS					IBGE
Pretos, pardos e indígenas:					51,80 %		51,80 %			
Pessoas com deficiência:					8,10 %		8,10 %			
Quadro de vagas ofertadas no curso										
A0	L1	L2	L5	L6	L9	L10	L13	L14		
45	10	11	9	11	1	1	1	1		
Informações adicionais:										
Não informado.										

Nota: Os pesos da UFF foram alterados em 2022 - redação aumentou de peso enquanto matemática diminuiu

Além do SISU, a UFF oferece programas de transferência no início e no meio do ano



12. Notas da 123

CHAMADA REGULAR											
L0 (AMPLA CONCORRÊNCIA)											
POSICÃO	ACERTOS LINGUAGENS	NOTA LINGUAGENS	ACERTOS HUMANAS	NOTAS HUMANAS	ACERTOS NATUREZAS	NOTAS NATUREZAS	ACERTOS MATEMÁTICA	NOTAS MATEMÁTICA	REDAÇÃO	MÉDIA ARITMÉTICA	MÉDIA UF
1	37	682,6	39	715,7	36	775,4	36	903,6	1000	815,46	831,07
2	34	708,8	44	762,9	34	745,5	35	853,1	980	810,06	821,01
3	41	748	39	726	38	759,7	28	815,9	960	801,92	819,7
4	38	703,8	35	679,2	37	775,6	39	900,4	920	803,8	819,4
5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	817,65
6	39	706	39	732,8	33	727,1	40	956,4	960	816,46	816,25
7	36	684,2	39	729	37	791,4	38	920,7	920	809,06	815,23
8	36	665,7	35	685,7	40	823,8	36	903,1	920	799,66	815,16
9	37	690,4	36	701,8	33	745,6	36	878,8	980	799,32	813,82
10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	813,77
11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	813,55
12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	813,37
13	38	682	39	755,7	29	711,7	37	938,3	980	-	813,31
14	-	-	-	-	-	-	-	-	980	-	812,7
15	27	580,6	37	700,8	37	780,3	44	983,2	980	-	812,2
16	33	678,3	40	758,2	34	724,1	36	895,3	980	-	812,2
17	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	811,97
18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	811,11
19	39	692,2	38	696,2	35	777,9	33	873,3	940	795,92	810,76
20	37	677,2	39	709,4	35	751,1	35	909,2	960	-	810,63
21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	810,53
22	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	810,39
23	36	683,4	38	713,2	32	745,3	30	845,4	980	797	810,25
24	38	699,7	36	709,2	33	733,6	37	851,3	980	-	810,07
25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	810,04
26	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	809,89
27	34	676,1	35	688,5	36	757,7	32	842,3	980	788,92	809,61
28	34	661	43	793,7	34	735,8	40	952,6	940	816,6	809,57
29	34	658,3	40	766,9	32	723,1	32	842,8	1000	798,22	809,56
30	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	809,44
31	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	809,05
32	31	640,5	36	688,4	36	767,5	31	859,6	980	787,2	808,95
33	36	680,2	39	734,7	34	748,4	34	869,2	960	-	808,88
34	32	662,5	34	702,6	38	772	42	980,7	940	789,8	808,78
35	-	681,2	-	746,2	-	767	-	847	980	788,92	808,73
36	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	808,5
37	37	683,1	38	713,2	35	760,1	33	844,8	960	792,2	808,45
38	32	662,5	34	702,6	38	772	42	980,7	920	807,56	808,43
39	36	683	42	798,4	34	750,6	38	905,9	920	811,58	808,21
40	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	807,7
41	-	681,2	-	746,2	-	767	-	847	940	796,28	807,66
42	35	659,8	37	699	32	744,4	36	882,3	980	793,1	807,41

Conheça melhor a 123!

12. Notas da 123

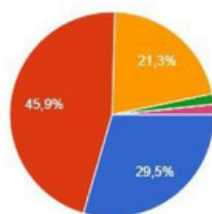
2ª CHAMADA											
L0 (AMPLA CONCORRÊNCIA)											
POSICÃO	ACERTOS LINGUAGENS	NOTA LINGUAGENS	ACERTOS HUMANAS	NOTAS HUMANAS	ACERTOS NATUREZAS	NOTAS NATUREZAS	ACERTOS MATEMÁTICA	NOTAS MATEMÁTICA	REDAÇÃO	MÉDIA ARITMÉTICA	MÉDIA UFF
1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	806,54
2	35	707,7	39	719,8	39	790,6	35	849,5	900	793,52	806,45
3	31	690,7	31	650,7	34	748,4	33	834,4	980	780,84	806,27
4	36	675,1	40	729,5	36	750,2	33	837,9	960	790,54	805,65
5	35	667	35	675	32	758,2	34	840,7	980	784,2	805,26
6	39	700,1	36	693,2	32	713,3	33	879,3	980	793,18	805,17
7	37	674,7	35	706,1	35	767,4	33	871,3	940	791,9	804,9
8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	804,82
L1											
POSICÃO	ACERTOS LINGUAGENS	NOTA LINGUAGENS	ACERTOS HUMANAS	NOTAS HUMANAS	ACERTOS NATUREZAS	NOTAS NATUREZAS	ACERTOS MATEMÁTICA	NOTAS MATEMÁTICA	REDAÇÃO	MÉDIA ARITMÉTICA	MÉDIA UFF
1	-	-	-	-	-	-	-	-	940	763	777,44
2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	776,37
L2											
POSICÃO	ACERTOS LINGUAGENS	NOTA LINGUAGENS	ACERTOS HUMANAS	NOTAS HUMANAS	ACERTOS NATUREZAS	NOTAS NATUREZAS	ACERTOS MATEMÁTICA	NOTAS MATEMÁTICA	REDAÇÃO	MÉDIA ARITMÉTICA	MÉDIA UFF
1	-	642,7	-	692	-	659,6	-	671,8	960	725,22	750,8
L6											
POSICÃO	ACERTOS LINGUAGENS	NOTA LINGUAGENS	ACERTOS HUMANAS	NOTAS HUMANAS	ACERTOS NATUREZAS	NOTAS NATUREZAS	ACERTOS MATEMÁTICA	NOTAS MATEMÁTICA	REDAÇÃO	MÉDIA ARITMÉTICA	MÉDIA UFF
1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	759,14
3ª CHAMADA											
L0 (AMPLA CONCORRÊNCIA)											
POSICÃO	ACERTOS LINGUAGENS	NOTA LINGUAGENS	ACERTOS HUMANAS	NOTAS HUMANAS	ACERTOS NATUREZAS	NOTAS NATUREZAS	ACERTOS MATEMÁTICA	NOTAS MATEMÁTICA	REDAÇÃO	MÉDIA ARITMÉTICA	MÉDIA UFF
1	37	681,7	40	756,2	33	744,1	29	812,2	960	790,84	804,41
L1											
POSICÃO	ACERTOS LINGUAGENS	NOTA LINGUAGENS	ACERTOS HUMANAS	NOTAS HUMANAS	ACERTOS NATUREZAS	NOTAS NATUREZAS	ACERTOS MATEMÁTICA	NOTAS MATEMÁTICA	REDAÇÃO	MÉDIA ARITMÉTICA	MÉDIA UFF
1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	775,62
2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	773,98
3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	771,23
4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	767,82
L2											
POSICÃO	ACERTOS LINGUAGENS	NOTA LINGUAGENS	ACERTOS HUMANAS	NOTAS HUMANAS	ACERTOS NATUREZAS	NOTAS NATUREZAS	ACERTOS MATEMÁTICA	NOTAS MATEMÁTICA	REDAÇÃO	MÉDIA ARITMÉTICA	MÉDIA UFF
1	31	606	32	661,8	24	645,7	24	753,1	980	729,4	750,4
L5											
POSICÃO	ACERTOS LINGUAGENS	NOTA LINGUAGENS	ACERTOS HUMANAS	NOTAS HUMANAS	ACERTOS NATUREZAS	NOTAS NATUREZAS	ACERTOS MATEMÁTICA	NOTAS MATEMÁTICA	REDAÇÃO	MÉDIA ARITMÉTICA	MÉDIA UFF
1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	798,18
L14											
POSICÃO	ACERTOS LINGUAGENS	NOTA LINGUAGENS	ACERTOS HUMANAS	NOTAS HUMANAS	ACERTOS NATUREZAS	NOTAS NATUREZAS	ACERTOS MATEMÁTICA	NOTAS MATEMÁTICA	REDAÇÃO	MÉDIA ARITMÉTICA	MÉDIA UFF
1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	707,52

Conheça melhor a 123!

13. Dados da 123

Onde você morava antes de ingressar na UFF?

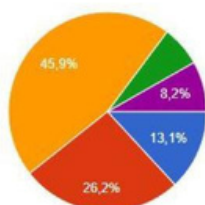
61 respostas



● Niterói
● Rio de Janeiro (outros municípios e regiões)
● Outro estado da Região Sudeste
● Região Nordeste
● Região Norte
● Região Sul
● Região Centro-oeste
● Outro país

Como você estudou?

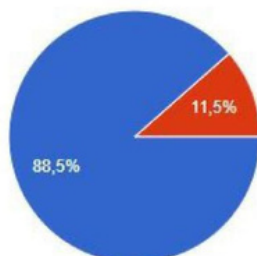
61 respostas



● Sem cursinho/ estudo independente
● Cursinho online (descomplica, stoodi, aprova total, etc)
● Cursinho presencial
● Cursinho híbrido
● Passei direto do ensino médio

Você cuidou da sua saúde mental durante o processo de preparação para o vestibular?

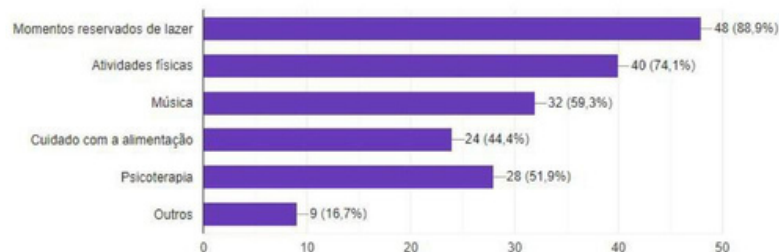
61 respostas



● Sim
● Não

Se sim, como?

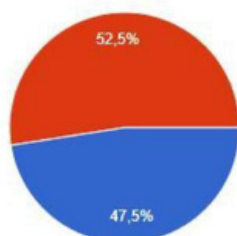
54 respostas



Copiar

Eu me considero:

61 respostas



● Homem
● Mulher
● Não binário(a)
● Prefiro não dizer

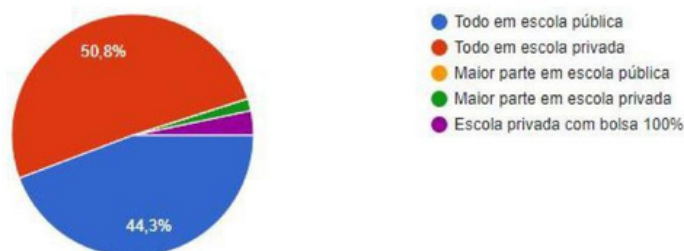


Conheça melhor a 123!

13. Dados da 123

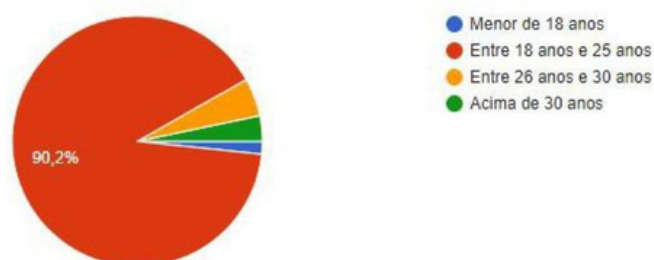
Onde você concluiu o seu ensino médio?

61 respostas



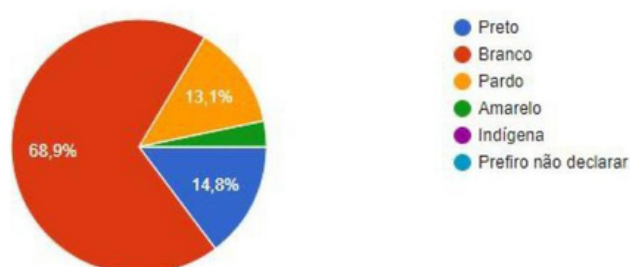
Qual a sua faixa etária?

61 respostas



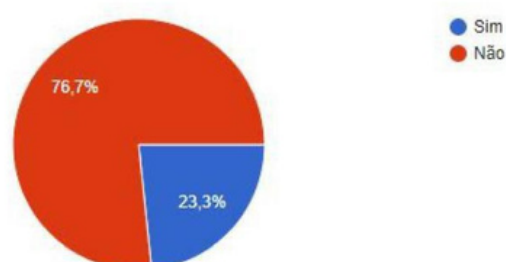
Qual a sua cor/etnia?

61 respostas



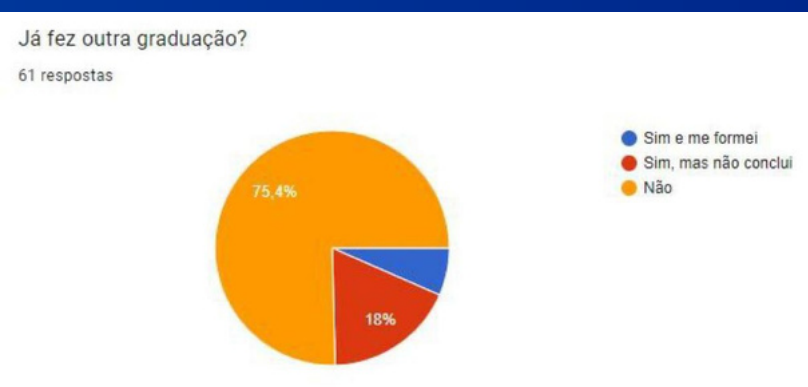
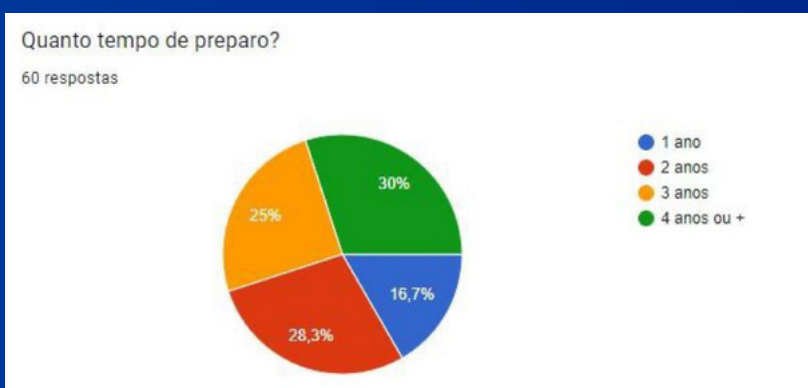
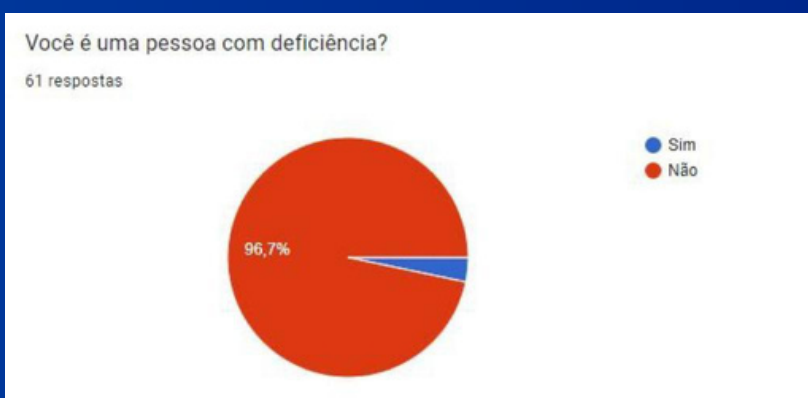
Você se considera membro da comunidade LGBTQIA+?

60 respostas



Conheça melhor a 123!

13. Dados da 123



14. Grade horária

TURMA A						TURMA B					
hora	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	hora	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
7h30-8h					BIO CEL teórica	7h30-8h					
8h-8h30		TRAB. CAMPO		TRAB. CAMPO	BIO CEL teórica	8h-8h30		TRAB. CAMPO		TRAB. CAMPO	
8h30-9h	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	BIO CEL teórica	8h30-9h	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	
9h-10h30	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	BIO CEL teórica	9h-10h30	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	
9h30-10h	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	BIO CEL prática	9h30-10h	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	
10h-10h30	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	BIO CEL prática	10h-10h30	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	BIOQ teórica	TRAB. CAMPO	
10h30-11h	BIOQ prática	TRAB. CAMPO		TRAB. CAMPO		10h30-11h		TRAB. CAMPO	BIOQ prática	TRAB. CAMPO	
11h-11h30	BIOQ prática	TRAB. CAMPO		TRAB. CAMPO	PSCI MED I	11h-11h30	PSCI MED I	TRAB. CAMPO	BIOQ prática	TRAB. CAMPO	
11h30-12h	BIOQ prática	TRAB. CAMPO		TRAB. CAMPO	PSCI MED I	11h30-12h	PSCI MED I	TRAB. CAMPO	BIOQ prática	TRAB. CAMPO	
12h-12h30	BIOQ prática	TRAB. CAMPO		TRAB. CAMPO	PSCI MED I	12h-12h30	PSCI MED I	TRAB. CAMPO	BIOQ prática	TRAB. CAMPO	
12h30-13h					PSCI MED I	12h30-13h	PSCI MED I				
13h-13h30						13h-13h30					
13h30-14h						13h30-14h					
14h-14h30	INIC. CIENT I	NEUROBIO	SAUDE e SOC I	NEUROBIO		14h-14h30	BIO CEL teórica	NEUROBIO	INIC. CIENT I	NEUROBIO	SAUDE e SOC I
14h30-15h	INIC. CIENT I	NEUROBIO	SAUDE e SOC I	NEUROBIO		14h30-15h	BIO CEL teórica	NEUROBIO	INIC. CIENT I	NEUROBIO	SAUDE e SOC I
15h-15h30	INIC. CIENT I	NEUROBIO	SAUDE e SOC I	NEUROBIO		15h-15h30	BIO CEL teórica	NEUROBIO	INIC. CIENT I	NEUROBIO	SAUDE e SOC I
15h30-16h	INIC. CIENT I	NEUROBIO	SAUDE e SOC I	NEUROBIO		15h30-16h	BIO CEL teórica	NEUROBIO	INIC. CIENT I	NEUROBIO	SAUDE e SOC I
16h-16h30		NEUROBIO	SAUDE e SOC I	NEUROBIO		16h-16h30	BIO CEL prática	NEUROBIO		NEUROBIO	SAUDE e SOC I
16h30-17h		NEUROBIO	SAUDE e SOC I	NEUROBIO		16h30-17h	BIO CEL prática	NEUROBIO		NEUROBIO	SAUDE e SOC I
17h-17h30		NEUROBIO	SAUDE e SOC I	NEUROBIO		17h-17h30		NEUROBIO		NEUROBIO	SAUDE e SOC I
17h30-18h		NEUROBIO	SAUDE e SOC I	NEUROBIO		17h30-18h		NEUROBIO		NEUROBIO	SAUDE e SOC I
18h-18h30		NEUROBIO		NEUROBIO		18h-18h30		NEUROBIO		NEUROBIO	

As turmas são divididas em A e B! É importante pois permite um maior contato entre os alunos professores, bem como a interação entre os alunos.

Um pouco sobre as matérias!

Iniciação Científica:

Um diferencial da UFF. Temos a possibilidade de já iniciar nossa carreira de futuros pesquisadores, com a criação de revisões em nossas áreas de interesse

Trabalho de Campo Supervisionado (TCS):

É o momento de sair da sala de aula: fazemos diversas visitas (hospital, banco de leite, escolas, centros culturais...). A turma é dividida em eixos no qual são explorados temas específicos. Além disso, participamos de diversas palestras com especialistas.



14. Grade Horária

Neurobiologia:

Abordamos o básico das neurociências. Matéria incrível e muito importante para as demais matérias que se terão ao longo do curso

Biologia Celular:

O estudo fantástico das células e suas organelas. Aqui também temos a possibilidade de experimentar o trabalho de pesquisa: visita a diversos laboratórios e experimentos com quimioterápicos em células em vitro!

Psicologia Médica:

Matéria perfeita para refletirmos sobre a relação médico-paciente, além de histórias incríveis que nos aproximam da medicina e da psiquiatria.

Saúde e Sociedade:

Realizamos seminários sobre temas amplos de saúde e debatemos casos de bioética. Tema importantíssimo para sabermos sobre os debates e polêmicas na medicina, como se comporta e quais seriam as atitudes cabíveis dentro do âmbito profissional frente às diversas realidades

Bioquímica:

Matéria que todo mundo tem um terror ne? Mas fiquem tranquilos que parece impossível, mas é extremamente importante para a formação acadêmica



15. Assistência Estudantil

A UFF possui algumas iniciativas com o intuito de auxiliar os alunos durante o período letivo. Uma delas é o sistema de ônibus que passa por todos os campus e unidades, o BUSUFF. Ele possui horários específicos que normalmente são permanentes e podem ser consultados no site ou no aplicativo Moovit.

Além disso, o nosso bandeirão é uma delícia e super baratinho, apenas R\$0,70, sendo um dos mais baratos do país. O Restaurante Universitário está disponível no Hospital, Campus Gragoatá, Campus Praia Vermelha e Reitoria.



16. Palavra do DesempenhosMed

"A prática de elaborar materiais com dados dos aprovados para auxiliar quem vai prestar vestibular existia há alguns anos entre, sobretudo, as faculdades públicas paulistas. No entanto, esses documentos eram organizados de forma descentralizada, que dificultava o acesso dos estudantes. Sabendo disso, estudantes de medicina de todo o Brasil se reuniram para incentivar que mais turmas desenvolvessem esses materiais e para reuni-los em um só local, o drive unificado (o link da nossa bio). O projeto é totalmente voluntário e teve início em abril de 2020, contando com a participação de cerca de 20 faculdades. Atualmente, contamos com mais de 100 participantes e esperamos vocês para aumentar esse número, desenvolverem suas cartilhas e se juntarem a nós em ações para auxiliar quem está se preparando."

@desempenhosmed



17. Desenvolvedores da cartilha

Caio Fernandes, Marcelo Carvalho,
Juliana Gonçalves, Maria Eduarda
Araujo, Gabriela Sardella, Siymon
Bispo dos Santos, Ana Carolina
Saul, Lara Sales dos Santos,
Vanessa Moraes e Amanda Onishi.





Aos futuros lions babies...

